

edição 01

ano 2022



serpente

revista do patrimônio AQA

patrimônio
AQA

Secretaria Municipal
de Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal
de Araraquara

A SERPENTE 01

Por **Weber Anselmo Fonseca**



A Coordenadoria de Acervos e Patrimônio Histórico, um braço de gestão da Secretaria Municipal de Cultura, tem como premissa a Educação para o Patrimônio. Ou seja, produzir informação sobre o patrimônio cultural da cidade e difundir tal conteúdo a fim de que todas e todos apreendam que este bem cultural é verdadeiramente democrático. Seja pela observação de uma edificação histórica, um passeio pelas ruas arborizadas com Oitis ou Tipuanas, sendo usuário da biblioteca municipal ou um visitante de nossos museus, passeando pelo roteiro de sepulturas tombadas no cemitério São Bento ou ainda colaborando com nosso inventário participativo aberto a todos que de alguma forma vivem a cidade de Araraquara.

Desta forma, desde o início de 2021, criamos a marca Patrimônio AQA para que todas essas ações seja facilmente identificadas pelos cidadãos. E junto à marca o slogan VIVA O PATRIMÔNIO AQA.

Esta é a premissa, o patrimônio cultural da cidade está aí para ser vivido e celebrado simultaneamente.

“SERPENTE – a revista do patrimônio AQA” chega para estender este movimento de educar para o patrimônio. Abrimos espaços para que qualquer pessoa, incluindo os servidores públicos – que vivenciam o cotidiano dos nossos espaços museológicos e arquivísticos – divulguem suas pesquisas, vivências e experiências.

O título remete a um patrimônio cultural intangível da cidade – “a serpente da matriz” – quicá, um dos elementos de maior identidade para a comunidade. Desta forma, apresentamos aqui a primeira edição.

Desejando a todas e todos uma excelente leitura e aprendizagem!

Conselho Editorial

Alessandra de Lima, Teresa Telaroli e Weber Anselmo Fonseca

Contato

Serpente – Revista do Patrimônio AQA

E-mail:
revistapatrimonioaqa@gmail.com

Telefone:
(16) 3322.2770

Endereço:
Rua São Bento, 794, Centro - Araraquara/SP

ISSN

Ficha Técnica

Secretária Municipal de Cultura
Teresa Telaroli

Coordenador de Acervos e Patrimônio Histórico
Weber Anselmo Fonseca

Gerente de Preservação e Patrimônio Histórico
Alessandra de Lima

Gerente de Documentação Histórica, Biblioteca, Museus e Acervos
Gustavo Ferreira Luiz

Coordenadora de Cultura
Carolina Guimarães

Editor
Weber Anselmo Fonseca

Jornalista Responsável
Danielle Aquino MTB 0076719/SP

Projeto Gráfico
Fernanda Ambrozio

Arte
Marina Amaral – Casa 14

APRESENTAÇÃO



Há diversas formas de fazer a gestão cultural de um município; entretanto, nenhuma é mais legítima do que aquela que estabelece como prioridade a interlocução com os cidadãos. Isto posto, nós da Secretaria Municipal de Cultura de Araraquara não economizamos esforços para que estejam sempre abertas as portas, literais ou simbólicas, para toda forma de expressão vinda da comunidade.

O lançamento deste primeiro número da nossa Revista do Patrimônio AQA, a Serpente, tem para nós um significado especial; área historicamente relegada ao segundo plano, a preservação do patrimônio e da memória é um dos pilares de sustentação das nossas políticas públicas voltadas à cultura. Por meio da Coordenadoria de Acervos e Patrimônio Histórico, temos subvertido a condição de subalternidade da área, devolvendo-lhe o protagonismo que sempre deveria ter sido seu.

Para além da reafirmação da importância da preservação do patrimônio local em suas diversas manifestações, a Serpente tem também o desafio de trazer conteúdos que fomentem o debate a respeito da cidade, da sua memória, dos seus acervos, das configurações e transformações da cidade bicentenária que hoje vivenciamos e que pretendemos deixar para o futuro.

O ecletismo dos artigos que integram este primeiro número sinalizam com precisão o nosso objetivo de fomentar e divulgar a livre reflexão, trazendo para Araraquara e para os apaixonados pelo tema, sejam eles de onde for, um espaço de interlocução sem precedentes na administração municipal.

Aos autores a nossa gratidão pela qualidade do material que nos apresentaram. Fica também o nosso agradecimento a toda a equipe da Secretaria Municipal de Cultura, em particular da Coordenadoria de Acervos e Patrimônio pelo trabalho desempenhado e sem o qual a nossa revista continuaria no mundo dos sonhos.

Boa leitura a todos!



Teresa C. Telarolli
Secretaria Municipal de Cultura

MEMÓRIA E GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ARARAQUARA

Por Alessandra de Lima



Ao pensarmos sobre a nossa história e sociedade, e de como os elementos (materialidade) e as expressões imateriais influenciaram e estão presentes na nossa vida, é intrínseco pensar a preservação do patrimônio cultural, e o quanto é significativo para a permanência da cultura de uma sociedade.

No âmbito mundial, a preocupação com a preservação do patrimônio histórico vem desde o século XVIII, devido a grandes descaracterizações nos monumentos e nos tecidos urbanos em virtude ao grande crescimento e a metropolização das cidades, intensificado com a Revolução Industrial.

No Brasil, a preocupação em preservar nossa identidade histórica e cultural surge no início do século XX, onde as primeiras medidas apareceram em 1936 com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, projeto criado por Mário de Andrade e alguns intelectuais da época que definia o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional um conjunto de bens móveis e imóveis do país onde conservação é do interesse público, quer por sua vinculação a fatos da História do Brasil, por seu excepcional valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

A atenção para preservação da memória e identidade da cidade de Araraquara-SP existe há muito tempo, e em 2009 instituiu-se a Gerência de Preservação do Patrimônio Histórico que a partir de 2017, passou a ser um órgão da Coordenadoria Executiva de Acervos e Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura de Araraquara.

Desde sua constituição, vem trabalhando para fortalecer e demonstrar a importância da preservação da memória e identidade histórica da cidade de Araraquara-SP, e assim salvaguardar o patrimônio cultural.

A Gerência de Preservação do Patrimônio Histórico, de 2017 a 2022, procurou materializar os objetivos de promover e aplicar as políticas públicas para preservação do patrimônio cultural, realizou vários projetos de intervenções nas edificações de valor histórico e arquitetônico da Secretaria de Cultura, como por exemplo, projeto de manutenção e conservação do Palacete das Rosas “Paulo A. C. Silva”, projeto de reforma, conservação, manutenção e modernização da Casa da Cultura “Luis Antonio Martinez Correa”, dentre outros projetos de intervenção nos bens públicos protegidos.

Para compreensão da dinâmica da cidade e o patrimônio cultural, juntamente com o planejamento urbano, foi iniciado em maio de 2017, Estudo de Intervenção e Requalificação Urbana no Centro Histórico com a análise de um Trecho compreendido entre as Avenidas Sete de Setembro e Duque de Caxias e Ruas Gonçalves Dias e Dr. Antônio Picaron (convênio com IAU-USP São Carlos).

A pesquisa compreende identificar e desenvolver programas de requalificação e reabilitação na área central, em conformidade com diretrizes do Plano Diretor de Araraquara – LC 850/2014 - Mapa Estratégico de Produção da Cidade (MAPA 03), Plano de Governo e o aprimoramento da paisagem urbana, de maneira a reforçar a harmonia do conjunto e contribuir para a valorização do patrimônio histórico e cultural da cidade de Araraquara. Este trabalho terá várias etapas, sendo que 03 etapas já foram realizadas. A primeira, relacionada à identificação e percepção do quadrilátero escolhido, envolveu a compreensão da transformação e evolução do centro histórico, principalmente até a ferrovia, que é um grande marco na cidade; a segunda etapa, teve como proposta a apreensão das edificações nas paisagens, e abrangeu o estudo do Mercado de Araraquara; a terceira etapa, implicou na continuidade do estudo detalhado das edificações, agora, no entorno imediato da Matriz de São Bento e da Estação Ferroviária, e os objetos de estudo seriam os bens imóveis: o Hotel São Bento (localizado na Rua Antônio Prado, 461, esquina da Avenida Brasil), o Gran Hotel Uirapuru (localizado na Av. São Paulo, 161/165) e o Largo Ferroviário (localizado na frente da Estação Ferroviária de Araraquara).

Segue figura 1 para ilustrar o trecho estudado.

Imagem do trecho estudado da Área de Centro Histórico

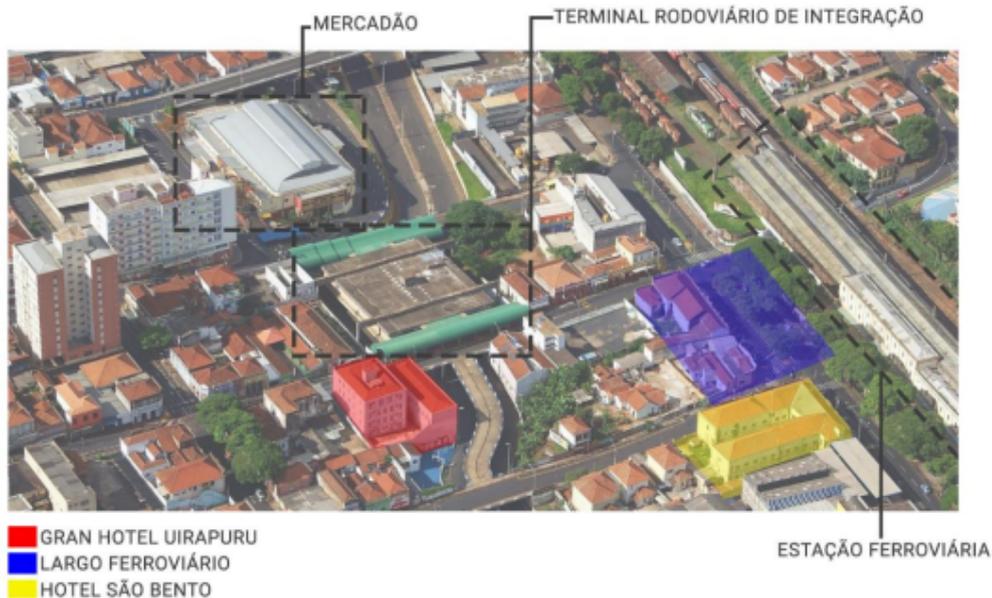


Imagem 1: estudos de caso em sua ambientação urbana, 2018.

Fonte: Gerência de Preservação de Patrimônio Histórico - Araraquara, 2016

A Gerência de Preservação de Patrimônio Histórico vem elaborando neste período, o Inventário ou Mapeamento dos bens tombados no Município de Araraquara e/ ou preservados por Lei, pois é um dos instrumentos para proteção dos bens culturais, em conjunto com a Ficha Técnica para os imóveis tombados, protegidos e em fase de análise de tombamento, que serviu de base para o Mapa de Inventário Participativo (Mapa do Inventário Participativo: <https://bit.ly/aqamapa>)

Na perspectiva, para uma educação patrimonial várias ações foram realizadas. Produziu-se o Mapa de Roteiros, digital, em uma plataforma compartilhada. (Mapa Roteiros: bit.ly/AQArouteiro), abriu-se o acervo da Pinacoteca Municipal "Mario Ybarra de Almeida" dialogando com o espaço da Biblioteca Municipal Mario de Andrade. Igualmente, vem realizando projetos de contranarrativa no Museu Histórico e Pedagógico "Voluntários da Pátria", eventos para a difusão do Museu Ferroviário "Francisco Aureliano de Araújo" e no Museu de Arqueologia e Paleontologia – M.A.PA., em conjunto com cursos e feiras.

Em consonância com o COMPPHARA - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paleontológico, Etnográfico, Arquivístico, Bibliográfico, Artístico, Paisagístico, Cultural e Ambiental de Araraquara, vem desempenhando atividades de suporte e apoio as ações do Conselho Municipal de Patrimônio, como por exemplo, participação na elaboração e de documentação para Semana de Patrimônio Histórico que acontece anualmente.



ARTIGOS

PRÁTICAS FUNERÁRIAS E REMANESCENTES HUMANOS DE UM CEMITÉRIO DO SÉCULO XIX DE ARARAQUARA, SÃO PAULO

Por Daniel Fidalgo¹, Renan Rasteiro²,
Robson Rodrigues³

Resumo

Em 2012, devido à reforma e restauro da Escola Estadual Antônio Joaquim de Carvalho (Araraquara, São Paulo), foi realizada a prospecção e resgate emergencial de um antigo cemitério histórico da cidade, possivelmente ativo em meados do século XIX. Foram exumados os remanescentes humanos de quatro indivíduos (Um adulto maduro masculino, um possível adulto de sexo indeterminado, um lactente e um jovem). O contexto funerário do adulto masculino é congruente com os relatos de práticas funerárias de cemitérios históricos recentes. A análise dos seus remanescentes revelou ainda a presença de sutura metópica, abertura septal do úmero esquerdo, múltiplas lesões cariogênicas, fraturas do esmalte nos caninos inferiores e uma lesão corto-contundente no côndilo occipital direito.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica, Bioarqueologia, Práticas funerárias, Paleopatologia

Introdução

Em 2011, no âmbito do Programa de Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial em Área da EE Antônio Joaquim de Carvalho, Município de Araraquara, Estado de São Paulo, a prospecção integral da área da escola Antônio Joaquim de Carvalho colocou em evidência feições arqueológicas congruentes com um dos antigos cemitérios históricos da cidade (RODRIGUES, 2012). Através da análise de GPR (Ground Penetrating Radar)⁴ pela empresa GPR Geofísica Ltda., e a realização de 64 tradagens (entre 80 cm e 1 metro de profundidade) pela equipa de arqueologia, foram evidenciadas algumas áreas com a presença de remanescentes ósseos humanos. Entre estes, estava um antigo sepultamento que foi possível de ser exumado por uma dos autores⁵ (Figura 1).

Figura 1: Sepultamento primário em decúbito dorsal de um indivíduo adulto do sexo masculino. A sepultura apresenta uma planta retangular, esta orientada no sentido O – E e mede aproximadamente 2,30 metros de comprimento e 1,10 metros de largura. É delimitada por tijolos na sua base e em todas as paredes laterais. (Fonte: autores).



Pela análise do espaço funerário, juntamente com o estudo bioarqueológico, foi possível recuperar algo do potencial informativo deste sítio histórico. Estes dados, em associação com fontes documentais históricas, permitiram reconstruir, ainda que parcialmente, narrativas da história recente do interior paulista. Ao mesmo tempo, este trabalho é uma pequena contribuição para melhor compreender as consequências do exponencial avanço da urbe durante os últimos séculos, e como ela se impõe sobre a própria preservação dos locais de sepultamento dos antigos habitantes da cidade de Araraquara. Efetivamente, é uma clara evidência empírica de que “a cidade dos vivos avançava sobre a cidade dos mortos” (CYMBALISTA, 2002, p. 61).

¹ Doutor em Arqueologia. Fundação Araporã (Araraquara, São Paulo); Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra (CIAS). <https://orcid.org/0000-0001-7175-1666>.

² Doutorando em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP); Fundação Araporã (Araraquara, São Paulo). <https://orcid.org/0000-0002-2761-4114>.

³ Doutor em Arqueologia. Fundação Araporã (Araraquara, São Paulo); Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. <https://orcid.org/0000-0003-2679-5414>.

⁴ O GPR se trata de um método de sensoriamento remoto geofísico que utiliza energia eletromagnética que aponta variações subsuperfície decorrentes de alterações químicas e físicas do solo. É um método não destrutivo que tem contribuído muito para investigação arqueológica, uma vez que, as escavações demandam um cuidado e tempo maior do que normalmente têm para a realização do licenciamento. Dessa forma, o GPR foi utilizado, pois oferece um dado mais apurado em relação à estratigrafia, localização e profundidade de anomalias cobertas pelo tempo (WELCH, 2006 p. 1).

⁵ A responsabilidade pela exumação ficou a cargo de Patrícia Fischer.

Devido a este crescimento exponencial dos centros urbanos, torna-se cada vez mais fundamental a análise do passado da cidade, da sua evolução presente e dos seus elementos dinâmicos (MARTINS, et al, 2010, p. 149). A arqueologia permite entender as rápidas transformações da paisagem urbana, e contextualizar as diversas informações de modo a contribuir com evidências materiais acerca da história da cidade e dos seus habitantes, histórias que muitas vezes acabam por ficarem omissas nas mais frequentes narrativas contemporâneas.

Este cemitério pode ser classificado como o primeiro de Araraquara a ser constituído pelas novas concepções que marcam o período republicano brasileiro, que após o declínio do controle eclesástico sobre os espaços funerários, assume e instala uma nova cultura funerária localizada em espaços públicos. Contudo, a sua existência tem ficado omissa na história da cidade, rendendo apenas breves menções na literatura, salvo raras exceções (TELAROLLI, 2002). Mas as evidências materiais ainda presentes obrigaram ao resgate da memória deste local, e da sua importância histórica durante o desenvolvimento da cidade. Ao mesmo tempo, permitiu-nos o resgate dos remanescentes de alguns dos antigos habitantes de Araraquara, cujo seu espaço funerário estava sendo deturpado devido a novos empreendimentos sobre a malha urbana.

Contexto histórico

A ocupação colonial da atual cidade de Araraquara, localizada no interior do Estado de São Paulo, data da segunda metade do século XVIII (AGUIAR, 2003). Inicialmente reconhecida como Campos de Araraquara, passa a Freguesia de São Bento de Araraquara em 1817, contando então com 303 habitantes (RODRIGUES, 2012). Em 1832 foi erguida ao estatuto de vila, e o número da população sobe para 2764 (CORREA, 1967). Finalmente em 1869, Araraquara passa à categoria de cidade, com mais de 4000 habitantes só na sua região urbana (RODRIGUES, 2012). Em 1890, as posturas municipais deram diretrizes para um novo perfil urbanístico para a cidade, entre as quais, mudanças no seu atual cemitério (RODRIGUES, 2012).

Com as mudanças realizadas pelos administradores das cidades, definindo os locais de sepultamentos e constituindo os novos espaços para a morte, muitas vezes localizadas nas periferias da cidade, vai provocando alterações nas atitudes sociais dando início a novos modelos de relação urbanística, bem como um gradual distanciamento da relação entre vivos e mortos, marcando a concepção a respeito dos ambientes de cemitérios públicos no ambiente urbano.

[...]ao retirar os mortos do interior das igrejas, a morte deixou de ser vista com familiaridade e passou a ser tratada com aversão e como fenómeno apartado, longínquo e praticamente imaginário. A transferência do espaço de enterramento, no entanto, deu início a um novo modelo de relação urbanística entre vivos e mortos, que se tornaria fundamental na concepção de determinadas cidades brasileiras (OLIVEIRA, 2016, pág. 13).

Retirar os cemitérios de seus antigos locais e distanciar-los do centro urbano, que gradualmente se ampliava, passa a ser uma ação adequada e dentro dos novos padrões de higiene e de saúde pública que está se implantando, distanciando, portanto, as doenças dos vivos, marco fundamental de uma mudança dos costumes fúnebres. A convivência com a morte era algo normal ao cotidiano das cidades até então, tendo em vista que, os sepultamentos eram feitos próximos de onde a população circulava. A morte, a partir dessa nova concepção, passa a ser considerada um elemento sujo e perigoso, já que a decomposição dos cadáveres pode trazer perigo e diversos males para os vivos e precisa ser distanciado, para se evitar a proliferação de epidemias, como a Cólera, Febre Amarela, Influenza, Varíola, que assolavam esse momento da história do interior paulista.

Contudo, em Araraquara já havia a indicação de que os sepultamentos haviam deixado de ser realizados na igreja e em suas cercanias desde 1859, e haviam passado para a Praça Pedro de Toledo (TELAROLLI, 2002). Inclusive, a primeira lei orgânica municipal, segundo o Código de Postura de 1º de outubro de 1828 dispunha categoricamente que competia às câmaras tratar sobre o estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos templos.

Depois de muito relutarem, os sepultamentos em Araraquara deixaram de ser feitos na igreja e em suas cercanias em 1859, já estava a situação plenamente ordenada, com a abertura do cemitério no terreno que viria a ser a Praça Municipal, atual Pedro de Toledo. (TELAROLLI 2002, p: 64)

A partir de 1890, o plano urbanístico determina uma nova deslocação deste cemitério municipal para outras adjacências, possivelmente para o território do atual cemitério de São Bento. As Posturas Municipais, aprovadas pela Câmara neste ano, orientam o novo cenário de Araraquara: arborização de ruas e praças, largura das vias públicas, canalização do córrego que passava em frente à matriz, iluminação pública, serviço funerário, casas caiadas, reforma de prédios públicos, mudança no cemitério, serviço de limpeza e regulamentação do trânsito de animais. Não obstante, apesar das iniciativas da administração municipal para modernizar a cidade, as deficiências no campo da saúde pública possibilitaram a eclosão de uma epidemia de varíola em 1892 e de febre amarela em 1895, causando milhares de vítimas.

[...]por ocasião da epidemia de varíola, a câmara municipal determina o sepultamento dos 'bexiguentos', num cemitério aberto de improviso no lado noroeste da zona urbana, bem distante uns cinco quilômetros do centro da cidade (TELAROLLI, 2002 pág. 65).

Em 1919, a prefeitura municipal de Araraquara doa à escola EE Antônio Joaquim de Carvalho este mesmo terreno da Praça Pedro de Toledo, local do antigo cemitério de meados do século XIX. Tal indica então que já durante as primeiras décadas do século XX, ou o cemitério da Praça Pedro de Toledo havia sido abandonado, ou existia a intensão de deslocar este antigo cemitério municipal para outro local. A edificação do prédio escolar nesta praça começa em setembro de 1920, e a inauguração ocorreu em 22 de agosto de 1922 (RODRIGUES, 2012).

Assim, com base na documentação histórica disponível, é possível afirmar que, aproximadamente entre 1859 e 1890, o território da atual Praça Pedro de Toledo foi utilizado como cemitério de Araraquara. Inicialmente usado como cemitério da vila, e posteriormente ativo pelo menos durante os primeiros momentos em que Araraquara passa ao estatuto de cidade, em 1889.

Nas décadas seguintes à sua edificação, a Escola Estadual Antônio Joaquim de Carvalho tem sido alvo de esporádicas reformas e ampliações. Numa dessas reformas, em 1996, foi descoberto no subsolo do pavimento do pavilhão da escola diversos remanescentes ósseos referentes aos indivíduos sepultados no antigo cemitério da Praça de Pedro de Toledo (RODRIGUES, 2012). Entretanto, na época nenhuma medida parece ter sido tomada em prol do acondicionamento e preservação desses remanescentes, sendo a sua atual localização desconhecida. Em 2002, a escola passa a constar como um dos edifícios históricos araraquarenses tombados pelo CONDEPHAAT (Diário oficial, 7 de agosto, secção I página 52).

Os cemitérios no contexto histórico brasileiro

Rituais de sepultamento estão entre as primeiras práticas socioculturais registradas pela humanidade. Independentemente da forma de inumação, práticas mortuárias são sempre testemunhos marcantes da história de suas comunidades e da sua relação para com o mundo dos mortos (MOTTA, 2009). O antropólogo Robert Hertz em sua obra *Death and the Right Hand* de 1960, foi um dos primeiros a destacar a importância do corpo humano enquanto objeto representativo da atividade coletiva que age e exprime seus rituais através desse indivíduo falecido (HERTZ, 1980 p. 90 apud MOTTA, 2009 p. 73).

No Brasil colonial, os primeiros habitantes europeus, em sua grande maioria de origem católica, trouxeram a prática comum de inumação dentro das igrejas e monastérios. Até o final do século XIX, coube às ordens religiosas os procedimentos rituais religiosos pós-morte. A construção de cemitérios a céu aberto torna-se norma no Brasil a partir de um decreto imperial de 1º de outubro de 1828, que dispunha das posturas que as câmaras das cidades e vilas deveriam ter em seu cargo, tal como:

Sobre o estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos templos, conferindo a esse fim com a principal autoridade eclesiástica do lugar sobre o esgotamento de pântanos, e quaesquer estagnação de águas infectas, sobre a economia e asseio de curraes, e matadouros públicos, sobre a collocação de cortumes, sobre o deposito de immundicias, e quanto possa alterar, e corromper a salubridade da atmosphera (Lei de 1º de outubro de 1828 apud JORGE, 2006 p.66)

Em Araraquara, município foco do artigo, o povo se mostrou resistente a tais mudanças em relação aos enterramentos fora da igreja, e a Câmara do município foi adiando a implantação do cemitério até o ano de 1835, quando uma comissão composta por dois membros da Câmara e pela entidade eclesiástica apontou um local para a construção do primeiro cemitério de Araraquara (FRANÇA, 1915).

O processo de secularização dos cemitérios só foi concluído com a Proclamação da República (1890), quando se deu efetivamente a luta pela divisão entre o Estado e a Igreja. Por conta desse processo o papel de cuidado dos mortos foi aos poucos sendo passado a cargo dos municípios, mesmo assim a igreja ainda deteve a guarda dos dogmas religiosos referentes à morte (BORGES, 2017 p. 316). Exemplo dessa persistência do poder católico está nas próprias configurações dos cemitérios do início do século XX, onde os indivíduos pertencentes a outros credos e etnias (não europeias) eram enterrados em espaços separados nos cemitérios. Tais configurações detêm em si uma amplitude de circunstâncias que variam de acordo com as diferenças econômicas e socioculturais de cada região do país.

Dessa maneira, o cemitério se torna um local que nos possibilita vislumbrar um estudo das relações sociais dos indivíduos ali enterrados, assim como nos ajuda a compreender toda uma mentalidade a respeito da morte e da sociedade de uma determinada época e local. Segundo Maria Aparecida da Silva Oliveira (2018), no Brasil, a Lei Federal nº 3984 de 26 de julho de 1961, art. 2º, considera os sítios identificados como cemitérios, sepulturas, entre outros, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico (OLIVEIRA, 2018 p. 24). A autora aponta, que no Brasil os cemitérios históricos tombados ainda são poucos, e como destaca:

Outros aspectos que relacionem legalmente os cemitérios no âmbito da arqueologia histórica ainda são inexistentes nas normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico brasileiro. As pesquisas se dão durante intervenções de reformas e salvamentos, vinculadas a uma arqueologia funerária above ground, com foco na arquitetura e arte tumular (OLIVEIRA, 2018 p. 25)

Alguns estudiosos, principalmente da história da arte, tratam os cemitérios como "museus a céu aberto", sendo esses locais de repositório de objetos que deveriam ser conservados pelo conteúdo rico em história e de expressão artística (CANCLINI, 1984; BORGES, 2017). Esses pesquisadores defendem a ampliação do conceito de produção funerária, de modo a valorizar os signos representativos das manifestações artísticas populares, como por exemplo, as carneiras, os jazigos, as estátuas que representam justamente um momento histórico importante para compreensão da sociedade atual.

Dentro das pesquisas arqueológicas o interesse por remanescentes humanos tem crescido, cada vez mais, ao longo das últimas décadas. Mesmo com as devidas considerações sobre a complexidade de se tratar com esse tipo de materialidade, como por exemplo, as regulações, impedimentos e restrições de diversas naturezas, pesquisadores têm apontado o grande potencial da arqueologia funerária e bioarqueologia para a compreensão do passado (LARSEN, 1997, 2002; SOUZA, 1999, 2003, 2013).

A pesquisa de campo com foco na recuperação de remanescentes ósseos humanos, parte do pressuposto de que esses materiais biológicos são fontes relevantes de informação científica em si, que nos permitem aumentar a dimensão dos dados obtidos e contribuem para uma melhor interpretação do contexto arqueológico do sítio (SOUZA, 2013).

Os remanescentes ósseos depositados nesse contexto sepulcral histórico, de um dos primeiros cemitérios do município de Araraquara-SP, também são carregados de signos representativos e nos possibilitaram adquirir informações que podem contribuir muito na reflexão sobre os indivíduos e a sociedade que habitaram a região durante o século XIX.

Materiais e métodos

Em análise encontram-se os remanescentes humanos de quatro indivíduos distintos, exumados durante o resgate arqueológico emergencial de 2012 (RODRIGUES, 2012) (Tabela 1).

Tabela 1: Indivíduos exumados do cemitério do século XIX de Araraquara.

Contexto	Indivíduo	Remanescentes	Profundidade	Observações
Sepultamento 1	1	Esqueleto quase completo de um indivíduo	~102-118 cm	Inumação primária do sepultamento 1
	2	Úlna direita	~100 cm	Material intrusivo, sem informação do contexto original de deposição
	3	Fragmento de úmero e osso parietal	10 cm	Material intrusivo, sem informação do contexto original de deposição
Sondagem 67	4	Dentição decídua	70-80 cm	-

O indivíduo 1 corresponde à inumação primária do sepultamento 1. Este foi encontrado in situ, apesar de ter sido parcialmente impactado durante a sua descoberta antes do início dos trabalhos de arqueologia. O indivíduo 2 corresponde a uma ulna direita de outro indivíduo, que foi encontrada no sedimento já revolvido dentro do sepultamento 1, aproximadamente na mesma profundidade em que se encontrava o sepultamento primário deste contexto funerário. Já os remanescentes do indivíduo 3 foram recuperados num contexto bastante mais superficial do que o sepultamento 1, a aproximadamente 10 cm de profundidade, e num sedimento também já bastante revolvido por outras intervenções antrópicas na área do cemitério após este ser desativado. Os elementos aqui identificados correspondem apenas a um fragmento de diáfise e epífise distal de um úmero, além de um fragmento de osso parietal (Figura 2).

Figura 2: Material revolvido identificado entre a superfície e os 10 cm do sepultamento. Fragmento de osso parietal com coloração esverdeada (possível contato com objeto metálico) e fragmento de diáfise e extremidade proximal do úmero de um não adulto. (Fonte: autores).



Por fim, os remanescentes do indivíduo 4 foram encontrados na sondagem 67, entre os 60 e 80 cm de profundidade. Trata-se de uma área mais distante da região do sepultamento 1. Aos 60-70cm foram encontrados alguns fragmentos ósseos que não foram possíveis de serem identificados, e entre os 70-80cm foram recuperados cinco elementos dentários de um indivíduo: um primeiro molar inferior decíduo e os segundos molares superiores e inferiores decíduos (Figura 3).

Figura 3: Dentição decídua recuperada na sondagem 67 do cemitério da Praça Pedro de Toledo (Araraquara, São Paulo). De cima para baixo: primeiro molar superior decíduo (1), segundos molares superiores decíduos (2), segundos molares inferiores decíduos (2). (Fonte: autores).



Relativamente aos métodos empregados para a análise destes remanescentes, a estimativa de idade à morte e diagnose sexual seguiu as recomendações de Buikstra e Ubelaker (1994). Os caracteres discretos cranianos foram registrados segundo Hauser e DeStefano (1989), e os pós-cranianos de acordo com Finnegan (1978). O desgaste dentário oclusal foi registrado de acordo com Smith (1991). Para o registro da localização de lesões cariogênicas foi usado o método de Moore e Cobertt (1971), e da sua severidade o método de Lukacs (1989).

Resultados

O indivíduo 1 foi inumado em decúbito dorsal, no sentido E-O. O crânio havia sido manipulado anteriormente por operários da escola, nesse sentido, ele não foi recuperado na sua posição anatômica original. Foram ainda encontradas evidências de cal disperso tanto sobre o sedimento quanto no indivíduo 1, especialmente entre a região da bacia e caixa torácica. Alguns botões e uma fivela foram também recuperados, possivelmente relacionados com a vestimenta que o indivíduo estaria usando durante a sua inumação. Dentro do túmulo delimitado por tijolos, a presença de fragmentos de madeira, pregos, tecido, uma dobradiça e um cadeado sugerem que este indivíduo foi inicialmente depositado dentro de caixão.

A diagnose sexual foi feita com base no crânio, devido ao elevado estado de fragmentação em que se encontravam os ossos ilíacos na análise laboratorial. A glabella e margem supraorbital saliente, a fossa canina profunda e as bossas frontais pouco marcadas sugerem que se trata de um indivíduo do sexo masculino (BUIKSTRA; UBELAKER, 1994). Já a estimativa da idade à morte foi feita através um pequeno fragmento de sínfise púbica, indicando uma idade biológica entre 23-57 anos (média 35,2) (BROOKS; SUCHEY, 1990). Em termos de morfologia craniana, destaca-se a presença da sutura metópica (Figura 4), e no úmero esquerdo a presença de abertura septal (Figura 5).

Figura 4: Crânio do indivíduo do sepultamento primário recuperado do cemitério da Praça Pedro de Toledo (Araraquara, São Paulo). Prevalência da sutura metópica completa. (Fonte: autores).



Em termos da análise dentária, o indivíduo apresenta um desgaste dentário oclusal baixo, oscilando entre os graus de desgaste 2 e 3 (SMITH, 1984). A média deste desgaste dentário por dente é de 2,88 (n=16). Contudo, o indivíduo apresentou uma considerável perda dentária antemortem, tendo perdido em vida seis dentes: o incisivo central superior esquerdo, ambos os incisivos laterais superiores, primeiro molar superior esquerdo, e ambos os primeiros molares inferiores.

Figura 5: Úmero esquerdo do indivíduo do sepultamento primário recuperado do cemitério da Praça Pedro de Toledo (Araraquara, São Paulo). Prevalência de abertura septal, expressão unilateral. (Fonte: autores).



Assim, a porcentagem de perda dentária antemortem é 27,27% (n=22). Em termos de lesões cariogênicas, foram encontrados sete elementos afetados por uma ou mais lesões, contabilizando uma porcentagem de 43,75% (n=16) considerando a contagem por dente. Destaca-se uma lesão bastante severa num molar inferior, que destruiu quase toda a sua coroa (Figura 6), entre diversas outras lesões cariogênicas vestigiais nas facetas interproximais das coroas dentárias.

Figura 6: Lesão cariogênica severa num molar inferior do indivíduo do sepultamento primário recuperado do cemitério da Praça Pedro de Toledo (Araraquara, São Paulo). Perda quase total da coroa, chegando a lesão até à raiz. (Fonte: autores).



Na dentição superior, estas encontram-se na faceta interproximal distal do canino superior esquerdo, em ambas as facetas interproximais do primeiro pré-molar superior esquerdo, na faceta interproximal mesial do segundo pré-molar superior esquerdo, e uma lesão interproximal mesial no segundo pré-molar superior direito. Na dentição inferior, lesões cariogênicas estão presentes em ambas as regiões interproximais da coroa do primeiro molar inferior direito, e uma outra na faceta interproximal mesial do segundo pré-molar inferior direito. Cálculo dentário foi somente registrado em ambos os incisivos inferiores direitos. Por fim, evidências de fraturas do esmalte antemortem foram identificadas na coroa dos dois caninos inferiores, ambas na região distal da coroa (Figura 7).

Figura 7: Fratura do esmalte no canino inferior direito do indivíduo do sepultamento primário recuperado do cemitério da Praça Pedro de Toledo (Araraquara, São Paulo). Esta expressão encontra-se igualmente representada no respectivo antímero. (Fonte: autores).



No côndilo occipital direito foi registrada uma lesão transversal, no sentido lateral-mesial, com aproximadamente 10 mm de comprimento, começando na região lateral do côndilo quase até ao foramen magnum (Figura 8).

Figura 8: Lesão traumática com dobragem óssea no côndilo occipital do indivíduo do sepultamento primário recuperado do cemitério da Praça Pedro de Toledo (Araraquara, São Paulo). Lesão possivelmente causada por força de um objeto corto-contundente. (Fonte: autores).



É possível observar dobragem óssea, o que sugere que esta lesão ocorreu ainda enquanto o osso estava fresco, não se tratando assim de um artefato da escavação dos remanescentes humanos. Evidências de remodelação óssea não são evidentes macroscopicamente.

No que diz respeito aos outros remanescentes humanos identificados nesta escavação, os dados são menos aprofundados, tanto pela ausência do contexto primário de deposição, quer pela baixa representatividade óssea destes indivíduos. O indivíduo 2 é composto apenas por uma ulna direita, de dimensões semelhantes à ulna do indivíduo 1, levantando a hipótese de se tratar de ulna de um indivíduo adulto que foi sepultado em alguma região próxima ao sepultamento 1, mas acabou sendo revolvido devido aos impactos antrópicos posteriores à sua inumação. Quanto aos remanescentes exumados do indivíduo 3, todos eles aparentam pertencer a um indivíduo jovem, devido à dimensão, espessura, e morfologia geral dos fragmentos ósseos. Porém devido ao mau estado de preservação não foi possível realizar uma estimativa de idade à morte precisa. O fragmento de parietal apresenta uma colocação esverdeada, possivelmente devido ao contato no solo com algum objeto metálico oxidado.

Por fim, quanto à análise dos elementos dentários do indivíduo 4, cujas coroas já estavam completas, mas as raízes ainda se encontravam em desenvolvimento, foi possível estimar que estes pertencem a um lactente de aproximadamente 9 meses (± 3 meses) (BUJKSTRA; UBELAKER, 1994). Infelizmente, mais uma vez devido à ausência de outros remanescentes, não foi possível obter outras informações acerca deste indivíduo. Na mesma camada foram identificados alguns botões, que podiam indicar que esta criança tivesse algum tipo de vestimenta no momento da sua inumação. Além disso, o fato destes pequenos elementos (dentes e botões) terem sido identificados em associação entre si, pode ser usado para inferir que talvez estes remanescentes estivessem parcialmente *in situ*. Nesse sentido, a sondagem 67 insere-se dentro de um novo contexto funerário possivelmente ainda preservado.

Discussão

As informações recolhidas do sepultamento e indivíduo 1, cuja exumação foi realizada no seu contexto primário de deposição, subsidiam alguns dados pertinentes para conhecer melhor as práticas funerárias do século XIX no interior do estado de São Paulo. Até este século, não era tão frequente os caixões mortuários serem depositados com os mortos, sendo mais comum a inumação ocorrer somente com a roupa do corpo ou uma mortalha (GUEDES, 1986). Contudo, o serviço de fornecimento de caixões já era uma possibilidade, mediante o pagamento que podia oscilar para adultos masculinos em São Paulo, entre 300\$000 e 15\$000 réis (GUEDES, 1986). Os diversos fragmentos de madeira, tecido e pregos que foram recuperados dentro do sepultamento juntamente com o indivíduo sepultado segurem fortemente que este foi inumado dentro de um caixão. Possivelmente, pode ser reflexo da condição econômica favorável deste indivíduo, embora não nos foi possível com base nas evidências disponíveis, inferir o grau de despesa financeira na sua aquisição.

O fato de ele estar enterrado num cemitério público em meados do século XIX pode ser, ainda que com algumas reservas, um indicador da sua religião, possivelmente católica. Isto porque em meados deste século, na província de São Paulo, com a forte chegada de emigrantes de matriz protestante após a abolição da escravidão, foram noticiados diversos relatos de que a igreja eclesíastica proibia a inumação de pessoas ligadas ao protestantismo nos cemitérios públicos próximos às matrizes das igrejas (RODRIGUES, 2008). No caso deste cemitério que se encontra por baixo da Escola Antônio Joaquim de Carvalho, ele encontra-se a aproximadamente 250 metros da Matriz de São Bento, a primeira igreja a ser erguida na cidade. Reis (1991) faz uma boa descrição desse novo processo funerário, o que também pode ser observado na exumação da sepultura no cemitério do espaço da escola Antônio Joaquim de Carvalho, ao definir que:

As covas, configuradas em formato retangular e com oito a seis palmos de profundidade, eram cobertas com pedra, mármore ou madeira: [...] eram numeradas, para evitar que fossem abertas aquelas recentemente usadas. Para ajudar o processo de decomposição, cobriam-se os cadáveres com cal. Em seguida, jogava-se terra, que era socada com pesadas calceteiras [...] (REIS, 1991: 175).

Efetivamente, como podemos atestar pelas evidências arqueológicas do sítio em análise, a prática do uso de cal também não é incomum em sepultamentos da época. Este era usado com frequência em cemitérios públicos na tentativa de omitir os cheiros da decomposição dos corpos (GUEDES, 1986).

A análise paleopatológica dentária do indivíduo 1 sugere uma saúde oral debilitada. Contudo, é necessário ter em conta que em contextos ocidentais, e especificamente no Brasil, só a partir de meados do século XIX é que a medicina começa a ser institucionalizada (MARTINO; BOTAZZO; ZILBOVICIUS, 2010). No Brasil, a regulamentação da profissão de dentista só ocorre em 1856, e o primeiro curso de odontologia é aberto somente em 1884 (FREITAS, 1995). Até então, especialmente nas províncias, os tratamentos de saúde oral ficavam mais ao encargo de curandeiros, sangradores ou barbeiros (PIMENTA, 1998). Contudo, frequentemente após alguém se encontrar com dor de dentes, não era comum proceder diretamente para a extração dos dentes afetados (FREITAS, 1995; PIMENTA, 1998; PEREIRA, 2012).

No indivíduo 1, a porcentagem de dentes afetados por lesões cariogênicas considerando o total de dentes recuperados é de 43,8% (N=16). A perda dentária antemortem também é severa, chegando a 27,3% (N=22), apesar do baixo nível de desgaste dentário oclusal (2,88, N=16). As causas para a má saúde oral deste indivíduo são incertas, porém o conjunto destes dados sugere pelo menos uma dieta pouco abrasiva congruente com alimentos processados, mas muito rica em carboidratos considerando a alta incidência de lesões cariogênicas. Apesar da falta de uma associação direta, a existência de lavouras de cana de açúcar e milho nesta região durante este período pode ter tido alguma influência na saúde oral e dieta deste indivíduo. Alternativamente, uma fraca higiene oral pode também contribuir para explicar em parte a grande incidência de cáries. Contudo, a presença de cálculo dentário, às vezes usado como indicador de fraca higiene oral, é apenas vestigial neste indivíduo, e só presente em dois elementos dentários.

Relativamente às fraturas do esmalte observadas nos caninos inferiores, a sua etiologia é também incerta. Porém, frequentemente estas fraturas na dentição anterior de um indivíduo podem estar associadas mais a hábitos idiossincráticos e para-funcionais do sistema mastigatório do que necessariamente relacionados com a dieta (SCOTT; WINN, 2011). É interessante salientar que o mesmo padrão de fratura se encontra em ambos os caninos inferiores, mas sem paralelos nos restantes dentes recuperados. Não obstante, os dados disponíveis não permitem qualquer inferência mais precisa, pelo que mais estudos de caráter semelhante nesta época e região seriam necessários para uma interpretação mais aprofundada.

A prevalência de sutura metópica completa neste indivíduo é também de relevância, pois representa um caso pouco comum da prevalência deste caractere discreto numa amostra arqueológica brasileira. Num estudo realizado em 400 crânios (135 femininos e 265 masculinos) da escola de medicina de São Paulo, metopismo completo foi apenas observado em 11 indivíduos (2,27%), sendo quatro destes femininos e sete masculinos (DEL SOL et al., 1989). Em um estudo realizado no Laboratório de Anatomia Humana da Universidade Paranaense, um estudo em 71 crânios registrou a prevalência deste caractere em cinco indivíduos (7,04%), dos quais quatro do sexo feminino e apenas um do sexo masculino (CASTILHO; ODA; SANTANA, 2006). Já relativamente à prevalência da abertura septal, os dados disponíveis não demonstram quaisquer estudos prévios envolvendo amostras populacionais brasileiras. Não obstante, em populações americanas estima-se que a sua prevalência seja por volta de 6% (TROTTER, 1934).

Quanto à lesão observável no côndilo occipital direito, é possível que esta tenha sido causada por algum objeto de ação corto-contundente. Infelizmente não foram recuperadas as primeiras vértebras cervicais que poderiam reforçar este diagnóstico. Não obstante, na literatura estes tipos de lesões tendem a estar associadas com eventos que culminam em lesões traumáticas, como casos de violência interpessoal ou acidentes envolvendo a queda sobre algum objeto (CUNHA; PINHEIRO, 2007).

O osso fresco quando sujeito a uma agressão pode reagir de duas formas: deposição óssea (formação de osso novo) e reabsorção óssea (destruição óssea) (CUNHA; PINHEIRO, 2007). Apesar do tempo requerido para a remodelação óssea depender de um grande número de variáveis (localização, saúde e genética do indivíduo), pode assumir-se na maioria dos casos a sua presença indica que a lesão óssea ocorreu pelo menos uma semana antes (SAUER, 1998). Neste caso de estudo, sinais de remodelação óssea não são evidentes, indicando que esta lesão pode ter ocorrido num momento próximo da morte do indivíduo.

Porém, é importante salientar que este período próximo da morte é em si incerto, e não necessariamente ocorreu antes ou no período da morte do indivíduo. De acordo com a literatura, fraturas recentes que venham a ocorrer no corpo após a morte do indivíduo, mas quando o osso ainda está fresco, possuem também características semelhantes (MAPLES, 1998). Contudo a elasticidade do osso, dependendo de certas circunstâncias, pode também se perder numa questão de horas após a morte (FITZGERALD, 1977). Em suma, dependendo somente das evidências osteológicas e sem um contexto mais elaborado, pode ser impossível de fazer a distinção entre um evento traumático que tenha ocorrido pouco antes, durante, ou momentos depois da morte, uma vez que os dados podem ser ambíguos e de difícil interpretação (CUNHA; PINHEIRO, 2007; BENNIKE, 2008). Este é o caso desta lesão, onde apesar de podermos afirmar que ocorreu num momento muito próximo à morte do indivíduo, não se pode precisar em que instância ela aconteceu, uma vez que não dispomos de mais informação contextual.

Não obstante, podemos ainda realizar algumas inferências em relação ao tipo de objeto que possa estar na gênese deste trauma. Quando o osso ainda está fresco, ele possui mais matéria orgânica e, conseqüentemente, possui uma maior elasticidade devido à maior presença de colágeno do que em outras fases (KLEPINGER, 2006). Uma vez deformado pelo impacto, o osso afetado mantém parcialmente a aparência e forma da lesão, e através dela pode ser possível inferir a morfologia, massa e direção do instrumento que produziu a lesão (CUNHA; PINHEIRO, 2007). Se o objeto intruso foi removido ainda quando o osso está fresco, este pode recuperar parcialmente a sua forma, levando a que a largura da lesão possa parecer inferior à largura do objeto (MAPLES, 1998). Dada a aparência desta lesão, que apresenta características mistas de uma lesão corto-contundente, é possível que tenha sido causada por um objeto de rombo, porém cujo comprimento seria superior à sua largura, tendo gerado uma lesão penetrante (mais profunda do que larga) (CUNHA; PINHEIRO, 2007; BENNIKE, 2008).

De acordo com a literatura, o contexto que se vivia na zona urbana de Araraquara parece indicar fortes tensões inflamadas por questões políticas, econômicas e sociais (TELAROLLI, 2002; MARQUES, 2009). Relatos de crimes apontam para diversos casos de agressão, frequentemente envolvendo indivíduos do sexo masculino (MARQUES, 2009). Dessa forma, a apesar de que não se pode afirmar precisamente que esta lesão resulta de alguma agressão, esta hipótese também não deve ser ainda totalmente descartada. Apesar da pequena área escavada deste cemitério, foram ainda recuperados remanescentes de um jovem (Indivíduo 3) e um lactente (Indivíduo 4) em espaços relativamente distantes entre si. Infelizmente, o contexto primário de ambos não foi recuperado, portanto desconhecem-se as verdadeiras circunstâncias de inumação. Contudo, a presença de remanescentes de jovens não advém como algo surpreendente num cemitério do século XIX, uma vez que até inícios do século XX, são assumidos padrões elevados de mortalidade infantil no município de São Paulo (BUCHALLA; WALDMAN; LAURDENTI, 2003). Não obstante, estas inferências para Araraquara têm que ser tomadas com cautela, pois efetivamente dispomos no momento de um valor amostral bastante reduzido de indivíduos.

Considerações finais

O trabalho de resgate arqueológico efetuado neste cemitério do século XIX, na Praça Pedro de Toledo, em Araraquara, foi desenvolvido para mitigar danos que já vêm sendo acumulados neste contexto desde inícios do século XX (RODRIGUES, 2012). Os resultados obtidos permitiram não só mapear o potencial arqueológico do que restou do cemitério, assim como subsidiou dados preliminares sobre as práticas funerárias e o perfil biológico e paleopatológico de Araraquara durante a sua transição de vila para o estatuto de cidade.

Apesar do número de indivíduos não ser suficiente para extrapolar de forma precisa as condições de vida da população araraquarense durante meados do século XIX, trata-se de um primeiro passo importante para catalisar estudos de natureza semelhante. Talvez no futuro, seja então possível obter um quadro mais amplo tanto de Araraquara, assim como do interior paulista, através de análises inter e intra-cemitério.

A presença de pregos, fragmentos de madeira e tecido bordado sugere que inicialmente o indivíduo 1 foi depositado em um caixão e transportado para o sepultamento. A fivela e botões recuperados são indicadores acerca da forma que o indivíduo era vestido durante o ritual fúnebre (SOUZA et al. 2012). A presença de cal também é um importante elemento das práticas funerárias na época.

A alta incidência de lesões cariogênicas e a grande perda antemortem, apesar do baixo desgaste dentário e baixa intensidade e prevalência de cálculo dental, sugere que a dieta do indivíduo 1 era possivelmente à base de alimentos processados, e altamente rica em carboidratos. Esta é uma hipótese interessante, pois a lavoura de cana de açúcar e milho já no século XIX dois elementos importantes da subsistência e comércio dos habitantes do interior paulista. A lesão corto-contundente identificada no côndilo occipital deste mesmo indivíduo é um caso incomum, e que merece ser aprofundado em estudos futuros. Através de análises mais finas, talvez seja possível aprofundar a possível etiologia desta lesão, e classificar mais precisamente o momento em que ela foi causada. Com base nos dados atuais, apenas podemos inferir que ocorreu num período muito próximo à morte do indivíduo.

Os restantes indivíduos analisados (indivíduos 2, 3 e 4), encontram-se pouco representados em termos de remanescentes ósseos. Os indivíduos 2 e 3 são compostos apenas por esparsos remanescentes avulso que foram recuperados durante a escavação do sepultamento e indivíduo 1. Como tal, inferências acerca do contexto e perfil biológico são delicadas. Não obstante, é possível estimar que a ulna do indivíduo 3 se assemelha em forma e robustez a um indivíduo adulto (>20 anos), enquanto os fragmentos ósseos do indivíduo 2 se assemelham pelo tamanho, forma e robustez, mais a um possível jovem. Por último, o indivíduo 4 trata-se de um lactente que, com base no desenvolvimento dental, morreu com aproximadamente 9 meses (± 3 meses). Apesar deste cemitério datar de um momento de elevada taxa de mortalidade infantil, será necessário um valor amostral mais amplo para corroborar esta possibilidade com dados bioarqueológicos.

Referências

- AGUIAR, Aparecida. 2003. Araraquara, aspectos de sua História. Jaboticabal: São Paulo – GST.
- BENNIKE, Pia. 2008. Trauma. In: PINHASI, Ron & SIMON, Mays. (Ed.). *Advances in Human Palaeopathology*. John Wiley & Sons Ltd, pp. 309–326.
- BORGES, Maria Elizia. 2017. Os cemitérios secularizados no Brasil: um patrimônio Cultural a ser preservado. In: DE CAMPOS, Yussef Daibert Salomão & KULEMEYER, Jorge Alberto (Org.). *El lado perverso del patrimonio cultural*. 1ed. Jujuy: Editorial de la Universidad Nacional de Jujuy, 1: 313-330.
- BROOKS, Sheilagh & SUCHEY, Judy. 1990. Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution*, 5(3): 227–238.
- BUCHALLA, Cássia Maria; WALDMAN, Eliseu Alves & LAURDENTI, Ruy. 2003. A mortalidade por doenças infecciosas no início e no final do século XX no Município de São Paulo. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 6: 335–344.
- BUKSTRA, Jane. & UBELAKER, Douglas. 1994. *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report Number 44.
- CANCLINI, Nestor García; PINTO, Maria Cecília Queiroz Moraes & CUNCHA, Maria Helena Ribeira da. 1984. *A socialização da arte teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Cultrix.

- CASTILHO, Marco Antonio Sant'Ana Castilho.; ODA, Juliano Yasuo & SANT'ANA, Débora de Mello Gonçalves. 2006. Metopism in Adult Skulls from Southern Brazil. *International Journal of Morphology*, 24 (1): 61–66.
- CORRÊA, Anna Maria Martínez. 1967. História Social de Araraquara - 1817 a 1930. Universidade de São Paulo.
- CUNHA, Eugénia & PINHEIRO, João. 2007. A linguagem das fraturas: a perspectiva da Antropologia Forense. *Antropologia Portuguesa*, 22–23: 233–246.
- CYMBALISTA, Renato. 2002. Cidades dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume.
- FINNEGAN, Michael. 1978. Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy*, 125: 23–37.
- FITZGERALD, Edwin. 1977. Postmortem transition in the dynamic mechanical properties of bone. *Medical Physics*, 4(1): 49–53.
- FRANÇA, Antonio. 1915. Álbum de Araraquara 1915. São Paulo: João Silveira.
- FREITAS, Sérgio Fernando Torres de. 1995. Uma história social da cárie dentária. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.
- GUÉDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. 1986. Atitudes perante a morte em São Paulo (séculos XVII a XIX). Universidade de São Paulo.
- HAUSER, Gertrud & DeSTEFANO, Gian Franco. 1989. Epigenetic variants of the human skull. Stuttgart: E. Schweizerbart'sche Verlagsbuchhandlung (Nägele u. Obermiller).
- HERTZ, Robert. 1960. Death and right hand. Londres, Cohen and West.
- JORGE, Karina Carneiro. 2006. Urbanismo no Brasil Império: a Saúde Pública na cidade de São Paulo no século XIX (hospitais, lazaretos e cemitérios). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação na área de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/Campinas-SP, pp. 224.
- KLEPINGER, Linda. 2006. Fundamentals of Forensic Anthropology. John Wiley & Sons, Inc.
- LARSEN, Clark Spencer. 1997. Bioarchaeology: interpreting behavior from the human skeleton. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom.
- LARSEN, Clark Spencer. 2002. Bioarchaeology: The lives and lifestyles of past people. *Journal of Archaeological Research*, 10(2): 119-166.
- LUKACKS, John. 1989. Dental paleopathology: methods for reconstruction. In: ISCAN, Mehmet Yasar & KENNEDY, Kenneth. (Ed.). *Reconstruction of life from the skeleton*. 1. New York: Alan R. Liss Inc, pp. 261–286.
- MACHADO, Lilia Cheuiche. 2006. Sítio Cemitério dos Pretos Novos: análise biocultural. Interpretando os ossos e os dentes humanos. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB)*, 12: 1-24.
- MAPLES, William. 1998. Trauma analysis by the forensic anthropologist. In: REICH, Kathleen (Ed.). *Forensic Osteology: advances in the identification of human remains*. Charles C Thomas Pub Ltd, pp. 218–228.
- MARQUES, Ada Pereira Ramos. 2009. Crime e violência na Comarca de Araraquara. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- MARTINO, Luiz Vicente Souza; BOTAZZO, Carlos; ZILBOVICIUS, Celso. 2010. Os caminhos públicos da odontologia paulista no início do século XX. *Cadernos de História da Ciência*, 6 (1): 141-156.
- MARTINS, Manuela & RIBEIRO, Maria do Carmo Franco. 2010. A Arqueologia Urbana e a defesa do património das cidades. *Forum*, 44/45: 149–178.
- MOORE, William & CORBETT, Elisabeth. 1971. The distribution of dental caries in ancient British populations. *Caries Research*, 5: 151–156.
- MOTTA, Antonio. 2009. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(71): 73-93.
- OLIVEIRA, Leonardo. 2018. Da igreja ao campo santo: o nascimento dos cemitérios e o monopólio da morte no Brasil do século XIX. *Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH-Rio: História e Parcerias*. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Maria Aparecida da Silva. 2018. Práticas funerárias na Arqueologia: Pluralidades e Patrimônio. *Revista Clio Arqueológica*, 33(2): 1-43.
- PEREIRA, Wander. 2012. Uma História da odontologia no Brasil. *História e Perspectivas*, 25 (47): 147-173.
- PIMENTA, Tânia Salgado. 1998. Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 5 (2): 349-374.
- REIS, João José. 1991. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, Cláudia. 2008. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889). *Revista da História Regional*, 13(1) 23–36.
- RODRIGUES, Robson Antonio. 2012. Programa de prospecção arqueológica, resgate emergencial e ação educativa na área da EE Antônio Joaquim de Carvalho, no município de Araraquara, Estado de São Paulo. Araraquara, São Paulo, pp. 105.
- SAUER, Norman. 1998. The Timing of Injuries and Manner of Death: Distinguishing among antemortem, Perimortem and Postmortem Trauma. In: REICH, Kathleen (Ed.). *Forensic Osteology: advances in the identification of human remains*. Charles C Thomas Pub Ltd, pp. 321–332.
- SCOTT, George Richard & WINN, Jacob. 2011. Dental chipping: Contrasting patterns of microtrauma in Inuit and European populations. *International Journal of Osteoarchaeology*, 21(6): 723–731.
- SMITH, Holly. 1984. Patterns of Molar Wear in Hunger-Gatherers and Agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology*, 63 (1): 39–56.
- SMITH, Holly. 1991. Standards of human tooth formation and dental age assessment. In: KELLEY, Mark & LARSEN, Clark Spencer (Ed.). *Advances in Dental Anthropology*. Wiley-Liss & Sons, Inc., pp. 143–168.
- SOL, Mariano del; BINVIGNAT, Octavio; BOLINI, Paulo Domingos André & PRATES, José Carlos. 1989. Metopism in Brazilians. *Revista paulista de medicina*, 107(2): 105–107.
- SOUZA, Rafael Abreu de.; HATTORI, Márcia Lika & FISCHER, Patrícia. 2012. Ossos do ofício: cemitérios, licenciamento ambiental e prática arqueológica em Arraias, Tocantins. *Habitus*, 10(2): 215-240.
- SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de & RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia. 2013. Ossos no chão : para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 8(3): 551-566.
- SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de. 1999. Osteologia humana, paleopatologia e inferência arqueológica: uma reflexão sobre o valor dos dados. In: LÓPEZ MAZZ, José Maria & SANS, Mónica (Orgs.). *Arqueologia y bioantropología de las tierras bajas*. Montevideo: Universidad de la República, pp. 189-204.
- SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de. 2003. Arqueologia de funerais: quando os mortos esclarecem os (arqueólogos) vivos. In: Congresso da Sociedade de Arqueologia, 12, São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira.
- TELAROLLI, Rodolpho. 2002. História da Medicina e dos médicos de Araraquara. Legnar Informática e Editora. São Paulo.
- TROTTER, Mildred. 1934. Septal apertures in the humerus of American whites and negroes. *American Journal of Physical Anthropology*, 19(2): 213–227.
- WELCH, Daniel. 2006. The use of Ground-Penetrating Radar for Archaeology: determining site formation process and subsurface features on Tutuila Island, American Samoa. Texas University, Texas, United States of America.

ESPETÁCULO UMBIGO DO SONHO: UM PATRIMÔNIO DA DESCONSTRUÇÃO E DA REAPRESENTAÇÃO DO CORPO NEGRO ARARAQUARENSE NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

Por **Fernanda Cristina Miranda**

Em meio a tantas possibilidades de manifestação artística, a dança é uma das criações mais potentes da arte diaspórica porque o próprio corpo do artista já carrega em si um ato político da resistência, transformação e ressignificação.

Desde a fundação da Companhia Rubens Barbot Teatro de Dança¹, primeira companhia brasileira de dança contemporânea, no bairro do Quintino, no Rio de Janeiro, em 1990, foram inúmeras as companhias de dança nascidas no Brasil com corpo de baile composto por jovens negros, especialmente homens, que manifestam a história do povo preto, resgatam seus valores, suas verdades, seus afetos, a luta pela sobrevivência e seus projetos de futuro.

Em atividade atualmente podemos destacar a Cia. Urbana de Dança, também do Rio de Janeiro, dirigida por Sonia Destri há 17 anos e composta por oito bailarinos e uma bailarina, todos jovens negros do subúrbio carioca, alguns moradores de áreas de risco, que pesquisam dança contemporânea, hip hop e dança de rua e criam espetáculos que tratam da negritude, um aspecto inerente aos corpos em cena e que se expandem nas narrativas que remetem à vida no morro, a vida na escolas de samba, o corpo trabalhador, o corpo artista, o corpo negro em uma sociedade racista, excludente, socialmente desigual e injusta².

Também em atividade há 20 anos, o Balé de Rua de Uberlândia³ surgiu de um projeto social e tem seu corpo de baile todo formado por bailarinos e bailarinas negras, que cantam e dançam o samba, a capoeira, o hip hop, a dança de rua, os partidos altos, a dança afro, a sonoridade das percussões.

Recentemente, o coreógrafo Rodrigo Vieira movimentou as discussões sobre cultura hegemônica e contracultura ao colocar no palco o espetáculo "Passinho"⁴, sobre a primeira dança urbana brasileira, surgida nas ruas e morros cariocas ao som do funk que, assim como o estilo musical, é considerada uma sub-arte, um subproduto artístico, arte popular marginalizada por se tratar de uma criação de jovens negros periféricos.

Estas companhias de dança em que o corpo negro é protagonista mostram como eles encontram na dança um meio de transformação imediata da imagem estereotipada de homens e mulheres afrodescendentes: ele é o próprio símbolo e maior exemplo de que é possível subverter a ordem da cultura dominante e as limitações impostas pela realidade social.

São o que Abdias Nascimento chamou de "ferramenta político-artística de militância antirracista", que coloca em prática a "libertação negra" por meio da "reflexão e ação, ação e reflexão, em todos os níveis e instantes da existência humana" (NETO, 2008, Pág. 102).

Nascimento dizia: "Teoriza-se entre nós uma cultura mestiça, mas se pratica, como válido e dominante, o padrão cultural branco-europeu" (NASCIMENTO, 1968, Pág. 43). Era seu chamado aos artistas negros para que desenvolvessem sua própria arte para criação e ocupação dos espaços artísticos.

Dança contemporânea e o patrimônio araraquarense

Araraquara é uma cidade que fortaleceu o ensino e a prática da dança no início dos anos 2000 com políticas públicas culturais da primeira gestão do prefeito Edinho Silva (PT), que garantiram a criação das Oficinas Culturais e da Escola Municipal de Dança (EMD) Iracema Nogueira⁵, destinada ao ensino de danças, artes e cidadania a crianças de matriculadas em escolas públicas da cidade no contraturno escolar.

Ambos os projetos se tornaram celeiros de grandes talentos e, por se tratar de programas socioeducacionais e culturais de inserção e descentralização da cultural, naturalmente atingiram regiões periféricas da cidade, com grande parcela de alunos e alunas negros e negras.

Um destes talentos descobertos nas Oficinas Culturais de Hip Hop é o bailarino, diretor e criador de dança contemporânea Fabio Costa, que já integrou cerca de dez grupos de dança contemporânea, dentre eles Grupo Gestus, Cia. Mário Nascimento e Camaleão Grupo de Dança, foi professor da EMD Iracema Nogueira, viajou pelo Brasil e mais 15 países apresentando a sua arte e há mais de dez anos está radicado em Belo Horizonte.

¹ In: YouTube Canal Espaço Latente, setembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZolcVX7keCM>

² In: YouTube Canal Sonia Destri Lie. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCXmnPUKeuf5UV2WEB9jv4Vg>

³ In: YouTube Canal Balé de Rua Oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/user/BaleDeRuaOfficial>

⁴ In: YouTube Canal Rodrigo Vieira, 11 de abril de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=l2wyimB3cBs>

⁵ In: <https://www.araraquara.sp.gov.br/transparencia-terceiro-setor-se-cretaria-educacao/escola-municipal-de-danca-iracema-nogueira>

Umbigo do Sonho

Em 12 de dezembro de 2020, Fabio Costa⁶ estreou o espetáculo solo “Umbigo do sonho”⁷, ao vivo, no canal do YouTube do Grupo Gestus, uma obra que dialoga profundamente com essa proposta de reconstrução da imagem do corpo negro por meio da arte.

A performance⁸ é uma criação de Fabio Costa e do psicanalista Musso Grecco a partir da biografia do bailarino, um jovem negro periférico que na adolescência esteve próximo da criminalidade e das drogas, perdeu amigos para o tráfico, trabalhou como serviços gerais e pedreiro e, por meio da dança, se tornou um artista da diáspora negra.

A obra trata a dança como ato político e social em uma composição corporal que traz os movimentos da construção civil, uma das funções laborais de Fabio Costa na juventude, se transformando e se resignificando nos movimentos da dança contemporânea, da dança de rua e do break.



Figura 4: Espetáculo solo ‘Umbigo do Sonho’ - Foto Lu Lanza

Estabelecendo uma nova narrativa, uma nova perspectiva da dança contemporânea, eles questionam: “Como pode a vida de um jovem negro ser sonhada em um país como o nosso? Onde é que ela começa e quais são os limites do próprio sonho?”⁹.

A partir daí, eles iniciam uma contranarrativa às representações estereotipadas da população negra. Eles partem dessa construção social, econômica e política que associa homens negros ao crime, ao tráfico, à favela, à subserviência, à prisão, à malandragem e partem para a reconstrução de um corpo com habilidades, do corpo que reage, do corpo que se transforma, do corpo político e ativista, do corpo que é arte, que é dança, que é poesia, que é encanto, que é personagem central, não mais coadjuvante.

Ao levantar essa problemática, Costa e Greco se referem a um Brasil que ainda vive sob a farsa do mito da democracia racial – que diz que brancos e negros convivem de forma harmoniosa e que o racismo não ocupa as estruturas estrutura institucional, política ou social.

É o Brasil que, na realidade, objetiva e criminaliza o corpo do jovem negro, e de forma mais violenta o corpo masculino, a todo instante. Costa e Greco abordam, de forma subjetiva, questões como educação, trabalho e renda: com menor acesso à formação formal, a população negra tem salários, em média, 30% menores que os trabalhadores brancos e são a maioria em setores da economia com menor remuneração, como serviços gerais, serviços domésticos e construção civil¹⁰, em que são até 66% dos funcionários. Fabio, na juventude, foi parte dessa estatística, mas por meio da dança, sua vida foi transformada – saiu de cena o concreto, o sol forte e escaldante, o carregar e lançar da construção civil.

O bailarino também aparece nas estatísticas dos que não chegaram ao ensino superior porque a estrutura social obriga jovens negros periféricos a trabalhar muito cedo para ajudar suas famílias e não os permite avançar na educação formal. Aqui lembramos que foi a partir da Lei de Cotas 12.711/2012 - que tornou obrigatória a reserva de 50% das vagas das universidades federais para alunos de escolas públicas, negros e indígenas -, que pela primeira vez negros se tornaram a maioria dos estudantes nestas instituições, segundo o IBGE. Em 2018, alunos autodeclarados pretos e pardos matriculados nas universidades públicas eram 1,14 milhão (50,3%) de estudantes.

O espetáculo “Umbigo do Sonho” também dialoga com a criminalização do corpo negro – que tem três vezes mais chances de ser morto que um corpo branco¹¹, por exemplo, ou é maioria nos presídios, numa proporção de dois negros para um branco¹² - ao narrar a história de um jovem que saiu da periferia, onde muitos de seus amigos e vizinhos foram presos e se renderam às drogas e ao tráfico. O bailarino Fabio Costa o caminho inverso ao se inscrever em uma oficina de dança de rua. A partir daí, encontrou novas possibilidades de futuro: se tornou bailarino, coreógrafo e professor de arte.

⁶ In: canal Fernanda Miranda, no Youtube. Cenas e imagens de “Umbigo do Sonho”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YzdGSLacOdl> e em <https://www.youtube.com/watch?v=r0XG3EpQaRM>

⁹ In: Site ACidadeOn, 09 de dezembro de 2020. Disponível em <https://www.acidadeon.com/araraquara/lazerecultural/NOT0,0,156650,dan-carino+araraquarense+encena+o+sonho+em+espetaculo+de+danca.aspx>

¹⁰ In Correio Braziliense, 17 de novembro de 2019. Disponível em <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2019/11/17/interna-trabalhoformacao-2019,807077/negros-ocupam-cargos-com-menor-remuneracao-no-mercado-de-trabalho.shtml>

¹¹ In: Site Medicina UFMG, 10 de agosto de 2020. Disponível em <https://www.medicina.ufmg.br/jovens-negros-tem-27-mais-chances-de-serem-assassinados-que-os-brancos/>

¹² In: G1, 19 de outubro de 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcão-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>

⁶ In: Canal Fabio Costa, do Youtube, 30 de julho de 2020. Teaser de “Umbigo do Sonho” – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7PoaQrjfoXE>

⁷ “Umbigo do Sonho” é um espetáculo solo criado por Fabio Costa e Musso Grecco, realizado com recursos do edital Cena Plural 2020, da Prefeitura de Belo Horizonte, e que tem trilha sonora construída pelo músico Guto Borges, iluminação de Eliatrice Gischevski, imagens de vídeo e fotos de Gabriela Sá e Ícaro Moreno, produção executiva e assistência de coreografia de Luciana Lanza.

Para compor os movimentos de “Umbigo do Sonho”, Fabio Costa foi buscar inspiração na movimentação desse corpo das ruas, desse corpo do cume e da construção civil e os transformou em arte. Quebrar, bater, equilibrar, jogar, transportar, mexer e remexer a terra para brotar uma nova vida são parte da composição coreográfica, mas com uma nova leitura, com um novo propósito, com uma nova narrativa, um novo corpo negro.

O corpo que antes compunha um cenário, que era apenas um elemento da massa, uma parte da paisagem, o corpo que transportava materiais, que carregava peso, desenvolve novas habilidades por meio da arte e sai dos blocos e do concreto para os palcos e teatros. Este corpo deixa de ser objeto cenográfico das construções para ser objeto de ação na cena artística. O corpo das habilidades é protagonista, ele ganha voz, espaço para se manifestar, é ouvido, visto, admirado; conta sua história, seus afetos, dores, alegrias, conquistas, que representam as histórias, sentimentos, dores, alegrias e conquistas de tantos outros jovens negros.

Negativo vs. positivo

Nesta proposta de inversão de estereótipos, de desconstrução de um estigma racializado e de transformação de valores da imagem de que fala Stuart Hall (HALL, Pág. 211, 2016), o criador de “Umbigo do Sonho” se utiliza de um referencial importante da juventude negra trabalhadora e periférica: a camisa do Corinthians, que o bailarino aparece vestindo na primeira parte do espetáculo.

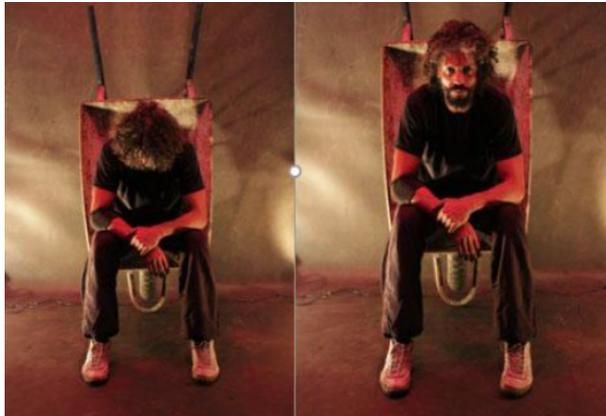


Figura 5: Divulgação do espetáculo solo 'Umbigo do Sonho' - FOTO Lu Lanza

O time paulistano foi fundado por operários do bairro Bom Retiro, em São Paulo, e sua origem foi fundamental para a construção da imagem de sua torcida diante dos outros grandes clubes da Capital Paulista. De um lado, trabalhadores, moradores da periferia, majoritariamente negros e pobres. Do outro lado, clubes fundados por colônias de imigrantes europeus, cujos filiados fazem parte da elite e da classe média paulistana.

Apesar de pesquisas mostrarem que o clube alvinegro tem o maior volume de torcedores com curso superior e é o time com o maior número de torcedores com renda superior a cinco salários mínimos¹³, a cultura dominante construiu um perfil do torcedor corinthiano que o associa comumente ao crime, à contravenção, imagem reforçada pelos noticiários¹⁴ e aparatos do Estado.

Ao inserir o mesmo objeto em uma performance que propõe a transformação dos referenciais suscitados pelo corpo do jovem negro – também marginalizado e criminalizado pela narrativa eurocêntrica –, o espetáculo também propõe uma nova possibilidade de leitura para esse símbolo. No corpo da arte diaspórica, a camisa perde o referencial negativo, o caráter da criminalização porque em nenhum momento o corpo negro em movimento está associado a aspectos que não sejam o lúdico, o performático, a renovação, a reconstrução, a descoberta, o belo, o poético, a luta e a resistência, estes dois últimos valores originalmente relacionados à história do clube paulistano.



Figura 7: Cenas de 'Umbigo do Sonho'

Em outra cena bastante marcante, o bailarino se senta em cima do carrinho de mão com o corpo semidesnudo, suado, cansado, com as pernas dobradas e os braços sobre as pernas.

A imagem, de pronto, remete a uma cena dolorosa da história recente do Brasil: o massacre do Carandiru¹⁵, em que 111 detentos foram mortos pelo Polícia Militar dentro do maior presídio da América Latina, em 1992, com a justificativa de contenção de um motim iniciado durante uma partida de futebol. Depois de acalmados os ânimos dentro da Casa de Detenção, os presos foram colocados no pátio nus, com as pernas dobradas na direção do peito e os braços cruzados sobre os joelhos.

¹³ In: Site Oficial Corinthians, 31 de julho de 2020. Disponível em <https://www.corinthians.com.br/noticias/pesquisa-mostra-perfil-do-torcedor-corinthiano-no-brasil-participacao-feminina-e-destaque>

¹⁴ In: Jornal Cotia Agora, 30 de novembro de 2015. Disponível em <https://www.jornalcotiaagora.com.br/camisa-do-corinthians-entrega-ladrao-de-posto-de-combustivel-em-itapevi/>

¹⁵ In: Site G1 São Paulo, 02 de outubro de 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/massacre-que-matou-111-presos-no-carandiru-completa-20-anos.html>

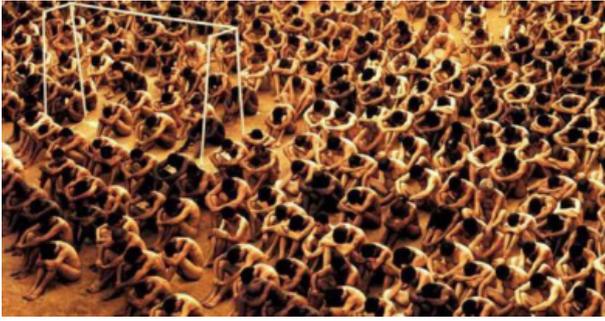


Figura 6: Cena do filme 'Carandiru', de Hector Babenco (2003) / Reprodução

A despeito da referência imediata, algo está diferente. Na trágica tarde de 02 de outubro de 1992, os presos estavam acuados, amedrontados, aterrorizados, de cabeça baixa e os rostos escondidos entre as pernas. Em "Umbigo do Sonho", o jovem negro está no controle da ação, de cabeça erguida, com seu rosto à mostra, sem pânico, sem medo, se dirigindo a seu público. É mais um referencial da construção social dirigida ao corpo negro que se quebra em "Umbigo do Sonho".

Arte, armadilhas e aparatos cenográficos



Figura 8: Cena de 'Umbigo do Sonho'

Uma das ferramentas de trabalho mais comuns e representativas da construção civil, o carrinho de mão no espetáculo de dança é referência à origem social do jovem negro, é o símbolo da sua ocupação como trabalhador braçal, que é a atividade laboral de muitos jovens negros por falta de escolaridade e por falta de oportunidades no mercado de trabalho.

O carrinho de mão é símbolo da experiência social do trabalho do negro no Brasil e provavelmente pudesse estar exposta em uma galeria de arte como um objeto artístico que representa uma trajetória e um cenário da história da diáspora negra no Brasil.

Ao ser utilizado como objeto cenográfico, como peça artística, o carrinho de mão ganha um significado para além da construção civil e do suor dos corpos negros na atividade laboral braçal. Assim como o corpo do bailarino, transcende de cenário, e é agora um complemento ao corpo que dança, é parte criativa dos movimentos que são os mesmos da construção em um novo cenário e contexto. A cada movimentação são atribuídos novos significados ao corpo, ao objeto e à representação do jovem negro na sociedade.

Podemos observar o carrinho de mão e sua utilidade usual, aquela para a qual ele foi criado, para a qual ele serve, e sua nova condição no espetáculo de dança e seu recorte de uma realidade social e de condições de trabalho. Da mesma forma que o corpo negro faz uma transição no tempo entre o corpo rígido e forte do trabalho laboral e se torna um corpo artístico, um corpo elástico, um corpo poético, o objeto ganha um novo entendimento e poderia ser visto como "um objeto não óbvio de arte".

Considerações finais

Usando a própria trajetória pessoal e profissional, que também poderia ser a história de tantos outros jovens negros, o bailarino Fabio Costa sai do espaço de servidão e da criminalidade relegado pela cultura dominante aos corpos negros e passa a ocupar um espaço dominado pela branquitude por meio da arte, da cultura, dança contemporânea, da dança de rua e do Hip Hop.

Nos palcos, o homem negro não é mais o serviçal, o trabalhador braçal, duro, resistente, incapaz de pensar, de criar, o corpo apagado, cinza, silenciado, um corpo de concreto, aprisionado como previsto pela cultura dominante. Nos palcos, o homem negro com um carrinho de mão não é mais o pedreiro; o homem negro com a camisa do time não é marginal.

Nos palcos, o corpo negro é o criador, é o centro das atenções, é o objeto de observação, de admiração. É o corpo maleável, cheio de energia, poético, musical, reluzente, elástico, maleável, liberto. É um corpo que conta e reescreve sua história com sua própria voz. É protagonista, é o dono da sua narrativa.

"Esta abordagem tem o mérito de corrigir o equilíbrio e é sustentada pela aceitação da diferença – de fato, por sua celebração. Ela inverte a oposição binária, privilegiando o termo subordinado, às vezes lendo o negativo de forma positiva: "Black is Beautiful". Tenta construir uma identificação positiva do que tem sido visto como objeto. Expande a gama de representações raciais e a complexidade do que significa "ser negro", desafiando assim o reducionismo dos estereótipos anteriores". (...) "Oferecendo ao significado convencional destas imagens uma inflexão diferente." (HALL, 2016, Pág. 216)

Nos palcos, ele reelabora os significados do seu corpo, dos objetos que dançam junto dele, reescreve sua história e estabelece novas referências ao jovem corpo negro masculino como protagonista, como artista, como artista araraquarense em uma obra de arte que é patrimônio da desconstrução do discurso racializado.

“Em última análise, entretanto, o significado começa a escorregar e deslizar. Começa a derrapar, ser arrancado ou redirecionado. Novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos, coisas diversas sejam mostradas e ditas” – (HALL, 2016, Pág. 211)

Como diz a escritora moçambicana Lilian Mompilé na obra “Neighbours”, “Quem não sabe de onde vem não sabe onde está nem para onde vai”. O solo sabe de onde seu protagonista vem, faz a denúncia política de um povo colonizado e silenciado e dá voz a novos protagonistas da arte.

Preto no topo! Arte preta no topo! Arte preta araraquarense no topo!

Citações bibliográficas

NETO, Hélio S. M. Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008.

NASCIMENTO, Abdias. A arte negra: museu voltado para o futuro. In: GAM: Revista Galeria de Arte Moderna. Rio de Janeiro, n. 15, 1968b.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

Revisão

Luciana Mendonça

CENTRO DE CIÊNCIAS DE ARARAQUARA: ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO E CULTURAL

Por José Antonio Maruyama^{1,2} e Camila
Silveira da Silva^{1,3}

1 – Centro de Ciências de Araraquara. Rua Dr.
Bernardino Arantes de Almeida, s/nº. Jardim Santa
Lúcia, Araraquara, SP

2 – Instituto Federal de São Paulo. Campus Matão/SP

3 – Universidade Federal do Paraná. Departamento
de Química. Curitiba/PR

Resumo

O Centro de Ciências de Araraquara é um museu de ciências da Universidade Estadual Paulista que ao longo de mais de 30 anos de sua existência, atua na salvaguarda, valorização, disseminação e educação do patrimônio científico, tecnológico e cultural. O espaço abriga diversas exposições de longa duração, além de acervo vasto e valioso de variados campos científicos. A instituição promove ações educativas, como a de visitação a seus espaços, oportunizando que o público tome contato com o patrimônio material, reconhecimento e refletindo sobre o papel da Ciência e da Tecnologia na sociedade.

Palavras-chave: Patrimônio cultural da ciência e tecnologia; Museu e Centros de Ciências; Divulgação Científica

1. Os museus e centros de ciências como espaços de valorização do Patrimônio Cultural, Científico e Tecnológico

De acordo com a professora, pesquisadora e museóloga Barbara Kirshenblatt Gimblet, “o patrimônio é um modo de produção cultural no presente que tem como recurso o passado” (GIMBLET, 1998, apud ANICO, 2005, p. 76)¹. Um patrimônio cultural assume um mecanismo de representar o passado, permitindo uma visão, por vezes, nostálgica para o espectador e a espectadora, principalmente quando há assimilação com fatos históricos, artísticos, cotidianos. O Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia, PCC&T, em comparação com outras tipologias patrimoniais não ocasiona as mesmas sensações e lembranças. Tal fato pode ser explicado pelo PCC&T ser mais novo, em relação aos artefatos históricos, ou ainda, pelas ciências naturais serem menos relacionadas ao dia a dia das pessoas. Esse contexto motivou a produção de um documento, Carta do Rio de Janeiro, com a definição de PCC&T:

O patrimônio cultural da ciência e tecnologia constitui-se do legado tangível e intangível relacionado ao conhecimento científico e tecnológico produzido pela humanidade, em todas as áreas do conhecimento, que faz referência às dinâmicas científicas, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, e à memória e [à] ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico. Estes bens em sua historicidade, podem se transformar e, de forma seletiva, lhes são atribuídos valores, significados e sentidos, possibilitando sua emergência como bens de valor cultural (Carta do Rio de Janeiro, 2017, apud CARVALHO, et al., 2020, p. 139)².

Pode-se destacar duas grandes instituições na preservação, apresentação e estudos do PCC&T: os museus de ciências e os centros de ciências. Com relação aos museus de ciências, é possível identificar características e evoluções datadas desde o século XVIII, iniciando com o ideal de progresso científico e tecnológico de determinadas nações. Posteriormente, museus relacionados a uma materialidade mais antiga e originária dos gabinetes de química, física, observatórios, muitas vezes relacionados a guarda das universidades. Os centros de ciências evidenciam o fenômeno científico, destacando a divulgação científica, enquanto os museus de ciências analisam a ciência como fazer humano (CARVALHO, et al., 2020)². Mais recentemente, em 2022, o Conselho Internacional de Museus, ICOM, definiu que

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022)³.

O Centro de Ciências de Araraquara, CCA, é um museu de ciências vinculado a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, portanto, é considerado um museu universitário. Os museus universitários “são aqueles que foram criados no contexto das práticas típicas das universidades e que no seu cotidiano técnico, político e administrativo vivenciam o seu sistema de valores e sua função social”, segundo Ribeiro, et al. (2019, p. 54)⁴.

2. O centro de ciências de Araraquara

O CCA foi fundado ao final do ano de 1989, com a liderança e protagonismo dos professores Aerovaldo Del’Acqua e Antonio Carlos Massabini, respectivamente professor do Departamento de Química Orgânica e Diretor do Instituto de Química da Unesp de Araraquara àquela época, além de outras pessoas envolvidas. O momento de criação é marcado pela publicação da Portaria nº 00925/89 que firmava um convênio entre Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de São Paulo, SCTDE, e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a implantação do Centro de Ciências de Araraquara.

O Centro de Ciências inicia suas atividades já em 1990 em um prédio alugado na Rua Voluntários da Pátria, número 1622, no centro da cidade de Araraquara, cujo principal objetivo era apoiar as professoras e os professores da Educação Básica da cidade, oferecendo empréstimos, principalmente, de materiais como vidrarias e reagentes para a realização de experimentos científicos nas escolas.

Em meados de 1991, a SCTDE interrompe o envio de verbas e o CCA muda de localização, passando a um galpão cedido pela ETEC Professora Anna de Oliveira Ferraz, ficando nesse espaço até 1997. Durante esse período, o empréstimo de materiais continua, ao mesmo tempo que o acervo aumenta, assim, além dos materiais de laboratórios o Centro de Ciências passa a emprestar fitas de VHS, livros e Experimentotecas, kits contendo modelos, vidrarias, reagentes, equipamentos para a realização de atividades de Física, Química, Biologia e Geologia. A Figura 1 apresenta uma parte das dependências do CCA e alguns itens emprestados para as escolas.

Figura 1: Foto de parte das dependências do Centro de Ciências na época em que ficou sediado na ETEC, no centro de Araraquara.



Fonte: acervo do Centro de Ciências de Araraquara.

O sucesso dos empréstimos de materiais, com mais de 34 mil estudantes atendidos entre 1996 e 1997 e a necessidade de possuir um local definitivo e que pudesse receber as escolas de Araraquara e região, juntamente com os esforços do professor Luiz Antonio Andrade de Oliveira, coordenador do Centro de Ciências e professora Elizabeth Berwerth Stucchi, Diretora do Instituto de Química, na época, culminaram na conquista da atual sede do CCA, na avenida Dr. Bernardino Arantes de Almeida, s/nº, no Jardim Santa Lúcia.

Em março de 1998 é publicado no Diário Oficial o decreto nº 42.936 assinado pelo então governador do Estado de SP, Mário Covas, a cessão da extinta EEPG “Prof.ª Eunice Sampaio Peixoto Araújo”. Após pequenas obras e reformas no local, em abril de 1999 o CCA abre suas portas ao público e inicia suas atividades como um museu de ciências. O Centro de Ciências de Araraquara é classificado como sendo um museu de Ciência e Tecnologia (C&T), de acordo com o Guia dos Museus Brasileiros (Guia Brasileiro de Museus/Instituto Brasileiro de Museus, Brasília, 2011, ISBN 978-85-63078-12-4) e, também, pelo Plano Nacional Setorial de Museus (2010/2020).

Além dos professores e da professora mencionados, é importante destacar que muitas outras pessoas foram de extrema importância para a consolidação do Centro de Ciências de Araraquara, assim como os apoios recebidos pelo Instituto de Química e da Unesp, juntamente com conquistas providas de editais junto à CAPES, fundação VITAE e Instituto Claro, CNPq e parcerias com a Prefeitura de Araraquara, com grande destaque a Secretaria Municipal de Educação.

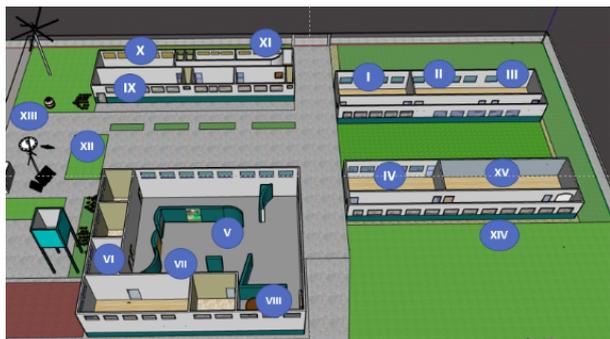
Nesta trajetória institucional, foram elaboradas diversas exposições que acolheram e constituíram relevantes acervos que hoje são objetos musealizados e expostos nas dependências do CCA e que valorizam o PCC&T conforme brevemente relatados a seguir.

3. As exposições de longa duração do Centro de Ciências de Araraquara

O Centro de Ciências de Araraquara possui instalações físicas em uma área de aproximadamente 7.200 m², com uma área construída de cerca de 2.100 m². Desde sua fundação, em 1989, é gerido pelo Instituto de Química da Unesp de Araraquara e o seu acervo, aliado aos recursos humanos, representados por docentes e estudantes do campus de Araraquara, estruturam um espaço responsável por salvaguardar, expor, pesquisar, comunicar e educar relevante PCC&T de campos científicos da Química, Física, Astronomia, Matemática, Geociências e outros.

As exposições de longa duração estão localizadas em quatro grandes blocos, sendo que o Bloco 1 conta com: i. Laboratório de Química; ii. Sala de Física e; iii. Sala de Matemática. No Bloco 2 há a exposição iv. Sala de Biologia e Mineralogia, além de um Anfiteatro com capacidade para 80 pessoas confortavelmente sentadas em uma sala climatizada e equipada com projetor multimídia, computador e lousa digital interativa. O Bloco 3 possui as exposições: v. Salão Interativo de Física; vi. Astronomia; vii. Água, um recurso inesgotável? e; viii. Cana-de-açúcar: do ouro branco ao etanol de 2ª geração. Com o avanço das exposições e necessidade de mais áreas expositivas, a gestão do CCA decidiu aproveitar o bloco Administrativo para receber novas exposições, sendo elas: ix. A criança na língua; x. Museu da Química e; xi. Primo Levi um Quimicrator. Além das exposições citadas, o Centro de Ciências complementou suas atividades e criou na área externa três novas exposições: xii. Trilha Sensorial; xiii. Energias Renováveis e xiv. Compostagem. A Figura 2 mostra uma planta do CCA indicando a organização e localização de cada um dos blocos e suas respectivas exposições estão numeradas de acordo com a criação cronológica de cada uma delas.

Figura 2: Planta em 3D do CCA: suas quatorze exposições e mais o anfiteatro.



Fonte: José Antonio Maruyama (2022).

3.1 Laboratório de Química

O Laboratório de Química permite que visitantes do CCA realizem atividades experimentais mediadas pela equipe de educadores, a partir de um rico acervo de vidrarias e reagentes, em um espaço que estimula a investigação científica.



3.2 Exposição de Física

A Sala da Física está dividida em duas grandes áreas: i. Óptica e; ii. Mecânica e Eletromagnetismo. Modelos na Óptica: Prisma; Espelho mágico; Globo de Plasma; Sombra Colorida; Disco de Newton; Problemas da Visão; e Porquinho. Na parte de Mecânica: Giroscópio; Berço de Newton; Centro de Massas; e Densidade. Eletromagnetismo: Chispa; Freio Magnético; Lâmpada de Edson; Van der Graaf; Máquina Eletrostática; Disco de Volta; e Anel Saltante.



3.3 Exposição de Matemática

A exposição da Sala de Matemática possui acervo que permitem a abordagem de importantes assuntos e conceitos como: História dos números; Poliedros de Platão; Tangran; Torre de Hanói; Poliedros; Diagonais; Jogos de Xadrez e Damas; Número Pi (π); Teorema de Pitágoras; Trigonometria; Área, volume e seções cônicas; ngulos e triângulos; Tabuada; dentre outros. O foco está na experiência de visitaçao por meio de objetos e atividades lúdicas.



3.4 Exposição de Mineralogia e Biologia

O acervo de minerais presente na exposição de Mineralogia é um dos maiores do Estado, contando com exemplares provindos de diversas regiões do Brasil e do mundo.



A exposição de Biologia possui uma divisão em duas partes: i. Corpo Humano e ii. Células, DNA e espécies animais e vegetais. Os principais modelos presentes na exposição são: Músculos; Corpo Humano Feminino; Corpo Humano Masculino; Esqueleto completo; Gestação em tamanho natural; Sistema circulatório; Sistema digestório; Cérebro; Sistema Ocular; Sistema Auditivo; Dentes; Célula Procarionte e Eucarionte; Divisão celular; DNA; Microscópios com lâminas prontas; Exemplares de animais; e Exemplares vegetais.



3.5 Salão Interativo de Física

A exposição do Salão Interativo conta com experimentos científicos nos quais os visitantes são os responsáveis por fazê-los funcionar e são provocados a refletir sobre os conhecimentos científicos envolvidos nos fenômenos observados. Dentre os equipamentos, destacam-se: Sistema de Polias; Força Centrípeta; Cadeira Giratória; Bicicleta geradora de energia elétrica; Tubos sonoros; Câmara escura; Banco de Pregos; Espelhos côncavo e convexo; Trenzinho.



3.6 Exposição de Astronomia

A exposição de Astronomia localiza-se em sala toda escura que possui um modelo Sol – Terra – Lua onde o visitante percebe os movimentos de Rotação e Translação, bem como as diferenças entre um Eclipse Lunar e Solar. A sala conta também com uma televisão de 70 polegadas com óculos 3D, que permitem a experiência virtual em uma Estação Espacial Internacional.



3.7 Água, uma fonte inesgotável?

A exposição, criada em 2018, conta com um modelo de hidroelétrica em que os visitantes podem entender como é a produção de energia elétrica, bem como os impactos ambientais envolvidos em sua construção. Em uma TV com touch screen os visitantes podem participar de um jogo de perguntas e respostas com assuntos como a comparação entre as produções de energia elétrica nos diferentes meios de produção (eólica, solar, térmica, nuclear, outros), a importância do ciclo da água para o planeta, a formação de nuvens e influência dos ventos, o consumo de água, poluição, dentre outros.



3.8 Cana-de-açúcar: do ouro branco ao etanol de 2ª geração

A exposição tem como principal objetivo abordar todas as etapas de produção do açúcar e do etanol, bem como as atuais pesquisas a respeito da produção de etanol de 2ª e 3ª gerações. Para isso, faz uso de um vídeo "interativo" projetado por dois computadores, além de infográficos e experimentos que são explorados durante a mediação junto com público visitante.



3.9 Criança na Língua

A exposição Criança na Língua aborda o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem da criança. Ela é resultado de uma parceria entre a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP- SP/Grupo GEALin/NALíngua), o Consulado da França em São Paulo e a Universidade Paul Valéry (Montpellier, França/ Grupo PRAXILING) e desde maio de 2018 integra o espaço de exposições de longa duração do CCA. A exposição conta com 13 painéis informativos, vídeos, áudios e ilustrações que permitirão seguir, passo a passo, a progressão da criança na aquisição de sua(s) língua(s) materna(s), desde suas primeiras vocalizações até as frases mais complexas. Nesse percurso, são abordados temas importantes, tais como a linguagem que utilizamos com as crianças, o bilinguismo, a multimodalidade, o humor e a entrada da criança no mundo da escrita.



3.10 Museu Histórico da Química

A exposição exhibe equipamentos que foram utilizados no início das atividades do curso de Química da Unesp na cidade de Araraquara e foram fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento químico. Nela o visitante poderá ver, por exemplo, uma balança de pratos totalmente restaurada, bem como equipamentos de espectrometria e fotometria.



3.11 Primo Levi: um Quimiscritor no museu

A exposição foi inaugurada no ano de 2019 e aborda a vida e a obra de Primo Levi (1919-1987) químico e escritor que foi prisioneiro de Auschwitz e sobreviveu à Shoá. A partir dos objetos museológicos expostos, o público percebe a relação entre os conhecimentos científicos, a literatura e os direitos humanos. Em 2020, no dia do aniversário de Primo Levi (31/07), a exposição ganhou o formato o virtual, sendo possível a visitação, também, por meio da internet¹.

¹ A visitação virtual pode ser realizada por meio do link: <https://sites.google.com/unesp.br/quimiscritor>



3.12 Trilha Sensorial

A inauguração da Trilha Sensorial ocorreu em 2019 durante as comemorações dos 30 anos de fundação do CCA, sendo um espaço para abordagem de espécies aromáticas, a partir da interação dos visitantes por meio do olfato, tato e sensibilidade.



3.13 Energias Alternativas

A exposição sobre as Energias Alternativas oportuniza que os visitantes conheçam uma chapa fotovoltaica e entendam seu funcionamento e como a energia solar é transformada em energia elétrica. Há também um gerador eólico e um relógio de sol, além de um catavento e uma roda d'água.



3.14 Composteira

A exposição foi criada posteriormente ao desenvolvimento do projeto "Fauna e Flora do CCA: conscientização ambiental para os cidadãos de Araraquara e região", que previu a construção de uma composteira em formato de leira para receber resíduos domésticos da comunidade, com o objetivo de trabalhar a educação ambiental junto aos visitantes do CCA, com foco na problemática do lixo orgânico e, como ação agregada, produzir adubo para as plantas da instituição. A exposição, juntamente com as atividades vinculadas a ela, possibilitou a elaboração de uma cartilha sobre o tema amplamente divulgada e que valorizou o conhecimento científico na prática cotidiana das pessoas.



Algumas considerações

As exposições de longa duração e o acervo preservado e divulgado por meio das ações educativas indicam a importância do Centro de Ciências como uma instituição estratégica para a cidade de Araraquara na valorização do Patrimônio Cultural, Científico e Tecnológico. E através do emprego de um ambiente interativo de ensino não-formal propicia:

- i. A divulgação do conhecimento científico e tecnológico junto à comunidade em geral e ao escolar, abrangendo o ensino fundamental, médio e superior, sejam públicos ou privados;
- ii. Contribuição para a formação continuada dos profissionais em exercício nas redes de ensino fundamental e médio, através de oferecimento de cursos e capacitações, oficinas, apoio a feiras de ciências etc.;
- iii. Oferecimento de curso de formação inicial de monitores mediadores para os alunos e as alunas dos cursos de graduação do campus de Araraquara, para que possam, posteriormente, atuar monitores mediadores das turmas de visitantes do museu e na participação, elaboração e desenvolvimento de novos materiais e exposições;
- iv. Apoiar a conservação do acervo e resgate de itens históricos de grande valor para a área museal, principalmente para os Museus e Centros de Ciências;
- v. Disseminar as ações que almejam atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e;
- vi. Estimular o envolvimento dos monitores e monitoras em projetos de pesquisa na área de Divulgação Científica e Ensino não Formal.

Ao todo, nesses mais de 32 anos de existência, o Centro de Ciências de Araraquara contou com mais de 300 monitores bolsistas e 100 monitores voluntários (em ambos os casos, alunos e alunas de todos os cursos de graduação da Unesp do Campus de Araraquara). Essa atuação culminou no atendimento de mais de 200 mil pessoas!

Por fim, o CCA é destaque como um local de extensão universitária, uma das funções sociais da Universidade, que tem como objetivo principal a promoção do desenvolvimento social através de ações que garantam a igualdade de direitos, de respeito, de democracia e de sustentabilidade, considerando sempre os saberes e contextos da comunidade.

Referências

- ANICO, M. A pós-modernidade da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 71-86, jan/jun 2005.
- CARVALHO, A. V.; et al. Patrimônio cultural – Brasil – Dicionários. Campinas, Ed. Unicamp, 2020.
- ICOM. ICOM aprova Nova Definição de Museu. Disponível em <http://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em 30 de set. de 2022 às 8h33.
- RIBEIRO, E. S.; et al. Museus e patrimônio cultural universitário: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. In: ARAÚJO, Bruno Melo de. et al (Org.). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. Recife: Ed. UFPE, 2019, p. 51-65.

SÃO BENTO E SUAS OBRAS

Por Nathália dos Santos Ferreira

Os cemitérios secularizados, que surgem por volta da segunda metade do século XIX. Em grandes centros urbanos, era comum que diferentes cemitérios atendessem a diferentes classes sociais (BORGES, 2002).

Nas cidades pequenas era comum que se tivesse apenas um cemitério para atender a toda população. Nesses casos a divisão entre classes sociais ocorria dentro do próprio cemitério. Os locais onde a circulação de pessoas era maior e os túmulos seriam mais visíveis, eram mais caros. (VALLADARES, 1972)

Seguindo a lógica da época podemos tomar como exemplo o cemitério São Bento, fundado no ano de 1873 em Araraquara, interior de São Paulo, que atende a toda população araraquarense até os dias de hoje, contendo de túmulos modestos a grande obras escultóricas.

Vale ressaltar que no estado de São Paulo houve uma maior influência da arte tumular produzida na Itália. As marmorarias que atuavam pelo estado eram, em sua maioria, de origem italiana, que utilizavam como referência artística catálogos de esculturas tumulares italianas (BORGES, 2002).

O cemitério hoje é entendido como um lugar lúgubre, difícil de se visitar, e a arte presente nele, com o tempo foi perdendo seu status como arte e acabando por ser invisibilizada. Seu valor e prestígio social diminuíram ao ponto da maior parte da população não entendê-la mais como arte, deixando de consumi-la, o que aliado a negligência a cerca sua preservação, ameaça a sobrevivência dessa expressão artística.

Assim como a perda do entendimento do estatúrio cemiterial como arte, houve também o esquecimento das simbologias próprias dessa arte, ocasionados por mudanças sociais e econômicas. Proponho agora ao leitor uma pequena amostra da arte contida dentro do cemitério São Bento. Para isso, selecionei duas obras.

A primeira a ser analisada é o obelisco em estilo gótico, de aproximadamente 1892, apresenta dimensões grandiosas. Esculpido em mármore, contendo traços da arquitetura gótica, abriga uma estátua devocional, sendo decorado com adornos florais em sua base.



Figura 1: Obelisco em estilo gótico, 1892. Cemitério São Bento de Araraquara.

Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 1: Detalhes do monólito em estilo gótico, 1892. Cemitério São Bento de Araraquara.

Fonte: Acervo Pessoal.

As flores no geral trazem a ideia de beleza e brevidade da vida, suas simbologias atuam como potentes ferramentas para expressar mensagens que transcendem o mundo das palavras. O arranjo floral é composto por um girassol, onagra, violas tricolor e ramos de folhas, envolvidas por um laço de fita.

A última flor, no sentido de cima para baixo, é um girassol, mais comumente encontrado em cemitérios católicos, significa devoção à igreja católica, e também a luz divina do Deus cristão. A segunda flor do arranjo é a Onagra, representa a juventude, esperança, amor eterno e a tristeza da perda. A primeira e penúltima flor pode ser classificada como Viola Tricolor, que simboliza a lembrança vívida, como se fosse possível ouvir os pensamentos daquele ser amado que se foi (KEISTER, 2004).

O túmulo é a homenagem de mãe para seu filho que faleceu aos 22 anos de idade, e o arranjo de flor traz o tom de saudade daquele ser amado que se foi muito jovem e que agora habita o reino dos céus, reforçando a mensagem do epitáfio.

A imagem devocional, é uma figura humana lendo uma bíblia e apontando a mão para o céu em um gesto que simboliza o reino celestial, reforçando a noção de devoção católica trazida pela flor de girassol.

Mais adiante em nossa pequena visita nos deparamos com a figura imponente de um anjo em tamanho natural de aproximadamente 1921, a segunda obra a ser analisada. Os anjos nos cemitérios do século XIX e XX atuam como protetores dos túmulos. (BORGES, 2002).

Em sua cabeça traz um adorno típico da década de 1920, evidenciando o contexto que foi criado, dando um ar mais exótico e singular para a figura.



Figura 3: Anjo representando a alegoria da saudade, 1921. Cemitério São Bento de Araraquara.

Fonte: Acervo Pessoal.

Neste túmulo o protagonismo está inteiramente no anjo de cabelos longos e soltos e uma aparência andrógina, mas ao mesmo tempo bastante humana. A figura escora-se em uma rocha com suas asas em posição de descanso e sua mão direita apoiada sobre um arranjo de flores, e a esquerda se posiciona sobre o peito.

O cabelo, a languidez do corpo, o trabalho de drapeados bastante rico aplicado ao tecido e a humanidade das feições atribuem a obra uma certa sensualidade, característica das esculturas influenciadas pela arte nouveau na arte funerária (BORGES, 2002).

O anjo encarna a alegoria da Saudade, seu semblante carrega uma expressão triste e serena, encontra-se apoiado em alguma coisa. Em algumas variações desse tipo de alegoria o anjo pode ser encontrado sentado ou deitado sobre o túmulo, geralmente trazem em suas mãos coroas de louros ou arranjo de flores (BORGES, 2002).

O arranjo de flores do anjo é composto por peônias, que simbolizam cura e compaixão, rosas, cujo as simbologias foram incorporadas pelo cristianismo onde as vermelhas simbolizam martírio e as brancas a pureza, predominantes em túmulos femininos, margaridas que são símbolos de inocência e do menino Jesus, a última flor que é possível identificar no arranjo é a Onagra, que simboliza as memórias, juventude, esperança, amor eterno e tristeza (KEISTER, 2004).

Dentro do Cemitério São Bento de Araraquara, que é digno de visita turística, a arte funerária, restringida até a primeira metade do século XX, é uma arte que volta a sua estética para criar com o espectador um vínculo que é sobretudo sensível. A arte tumular, embebida em simbologias e iconografias, clama por ser sentida muito antes de ser analisada.

A preservação e o entendimento da arte tumular brasileira como patrimônio cultural, conserva tanto os testemunhos históricos, culturais e sociais da sociedade brasileira do século XIX e início do XX, quanto a história dos artesões imigrantes por trás das obras.

Referências

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto: Funerary art in brazil (1890- 1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

VALLADARES, Clarival do Padro. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros. Brasília: MEC-RJ, 1972.

KEISTER, Douglas. Stories in Stone – A field guide to cemetery symbolism and iconography. Layton: Gibbs Smith, 2004.

PORTAL, Morada. A história entre túmulos no Cemitério São Bento. Araraquara, 31 out. 2019. Disponível em: <<https://portalmorada.com.br/cultura/cultura/74582/a-historia-entre-tumulos-no-cemiterio-sao-bento>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Revisão

Nathália Lauriano

MAPA - NOSSA VISÃO

Por Adalberto Bergamo, Fabiana Albanese Citelli e Guilherme de Albuquerque Camacho

O MAPA – Museu de arqueologia e paleontologia de Araraquara, começou a ser criado em 2007, e foi inaugurado em 2008, apresentando desde então duas exposições permanentes – “Mapa Múltiplos Olhares” e “Areias do Passado, Marcas no Presente”, dessa maneira, tendo o seu espaço dividido entre duas áreas científicas, a arqueologia e a paleontologia. Dessa forma, uma exibição que é a frutificação do trabalho e dos esforços conjuntos da Secretaria Municipal de Cultura, do CEIMAM – Grupo de Estudos Arqueológicos (GEA) e da Fundação Araporã, estruturam nosso acervo.

O prédio, onde hodiernamente encontra-se o museu, é histórico, nele funcionou vários tipos de comércio, sendo o mais recente deles, antes da criação do museu, o Conservatório Musical “Maestro José Tescari”, trazendo consigo a potência histórica desde suas bases.

Da Arqueologia.

A arqueologia é a ciência, que estuda as sociedades por meio da cultura material de objetos, basicamente utilizados no cotidiano de grupos de indivíduos organizados na manutenção de sua sobrevivência e também em ocasiões especiais.

O acervo arqueológico do museu é composto por materiais coletados e dispostos por meio de pesquisas realizadas na região e em outras localidades do estado de São Paulo, e também por doações. Através do MAPA, Araraquara tornou-se polo de referência do interior paulista, por abrigar os milhares de exemplares coletados em sítios arqueológicos, devido, principalmente, a demanda de licenciamento de empreendedorismo (arqueologia preventiva). Atualmente somam-se a reserva-técnica, 117.000 peças, e em exposição alguns dos objetos encontrados, datam aproximadamente 14.000 anos, evidenciados nas vitrines como as pontas de projétil de pedra lascada, as laminas de machado de pedra polida, os calibradores e tembetás, demarcando assim a linha temporal histórica. Além disso, no espaço encontram-se ferramentas e instrumentos de rocha e pedra usados na caça, na pesca, em disputas entre as comunidades e também em rituais. Encontra-se ainda utensílios cerâmicos, confeccionados através do barro e outros componentes orgânicos misturados a este. Portanto, objetos criados com o intuito de facilitação e sobrevivência cotidiana, coletiva e individual.

As comunidades e os grupos dos primeiros habitantes utilizavam o lascamento de pedras para criar, por exemplo, equipamentos e dispositivos como facas, laminas de machado, pontas de projétil, enfeites corporais e etc. Ademais, fazem-se significativos, também os objetos cerâmicos de barro produzidos por mulheres das comunidades Je e Tupi, predominantes na região. Destacam-se ainda a produção cerâmica Kaingang, e as coleções arqueológicas Tupi do Oeste Paulista, Açúcar Guarani, Pitangueiras, Gavião Peixoto, Alvorada, Museu Histórico e Pedagógico de Araraquara, materiais doados pelo grupo de estudos Maurício Correia Dias (Centro de Estudos Indígenas Miguel A. Menendez – CEIMAM), e as peças associadas aos estudos de doutorado e mestrado.

O museu enfatiza, sobretudo, em cenários reproduzidos por seus colaboradores, representações originais de potes igacabas utilizados no armazenamento de água, alimentos e posteriormente usados como urnas funerárias, além disso, dispõe de um crânio encontrado em Olímpia coberto por um pote cerâmico criado como um tipo de sepultamento, sendo assim, destaques do acervo do MAPA.

A importância das coleções dispostas no MAPA, para além de seu valor histórico pedagógico e acadêmico, faz-se abrangente também no que concerne a compreensão social sobre aqueles que habitaram nossa região, estabelecendo diante uma mediação educativa o conhecimento e a reflexão sobre suas organizações estruturais e mecânicas. Desse modo, estimulando os visitantes no entendimento cultural, social e político que envolvem nossa realidade.

Da Paleontologia.

A Paleontologia é a ciência que estuda os vestígios deixados por animais que habitaram o planeta a milhões de anos atrás e também plantas, insetos e invertebrados. Na região, dinossauros e mamíferos transitavam sobre o paleodeserto árido de Botucatu há aproximadamente cento e trinta e cinco milhões de anos.

Ao pisarem, deixaram suas marcas que, posteriormente, sofreram um processo de compactação devido as condições climáticas e a pressão atmosférica, assim, transformando-as em rocha de arenito. Os icnofósseis (pegadas) ficaram preservados no meio dessas rochas. Vale salientar, que as condições climáticas, clima árido e ácido, não favoreceram a conservação de matéria orgânica, levando à decomposição de ossos, portanto, até os dias atuais nenhum fóssil fora encontrado em nossa região.

Na Sala Padre Giuseppe Leonardi, da qual refere-se e faz homenagem ao Padre e também paleontólogo Giuseppe, por intensificar os estudos paleontológicos na região, a partir de uma visita no início da década de setenta, colocando na cidade o título de museu a céu aberto, devido a quantidade de material encontrado pelas ruas e parques do município. Pode-se encontrar peixes fossilizados (Nordeste - Chapada do Araripe), troncos fossilizados (Tocantins e Rio Grande do Sul), fósseis de braquiópodes (pequenos crustáceos - Paraná), moluscos (Rio Grande do Norte), fósseis de matéria orgânica (somatofósseis) doados, e as lajes com pegadas e marcas, provenientes da pedreira São Bento, localizada na cidade de Araraquara. Contudo, vale compreender o processo de calçamento urbano de Araraquara em 1909, onde principalmente, no centro histórico e nos bairros mais antigos da cidade, utilizou-se de lajes oriundas de rochas da pedreira, as quais conservavam no interior os vestígios de vida animal e vegetal de milhões de anos atrás, estabelecendo assim um acervo que vai além das paredes do museu.

O MAPA não é apenas local de resguardo de acervos, tem como principal objetivo mostrar e motivar a função e a importância da cultura material arqueológica e patrimonial, que instigam caminhos para reflexão da própria sociedade sobre o passado, o presente e o futuro, promovendo a preservação memorial conservativa histórica e cultural, introduzindo o conceito de diversidade de grupos, que se estabeleceram em nossa região, enfatizando características e particularidades próprias.

Vale salientar que o museu é um ser vivo patrimonial em constante evolução e metamorfose, o qual oferece a profissionais, estudantes e público em geral um espaço para o diálogo e às pesquisas constantes.

viva o
patrimônio
AQA

patrimônio
AQA

Secretaria Municipal
de Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal
de Araraquara